

www.harmonianet.org

AQUI E ALÉM

Crônicas de Umbanda



PABLO DE SALAMANCA

2018

SOBRE O MÉDIUM

Pablo de Salamanca nasceu no Rio de Janeiro em 1968. Possui formação de nível superior em engenharia, graduando-se em 1991. Realizou mestrado a partir de 1992, defendendo sua tese em 1994. Ainda na sua área original de atuação profissional, iniciou doutoramento em 1995, finalizando sua tese no ano de 2000. Começou seu desenvolvimento mediúnico em 1993, psicografando a partir de 1994. O presente trabalho, “Aqui e Além – Crônicas de Umbanda”, é o 21º livro que se concretiza pelas mãos de Pablo, uma obra inspirada por amigos espirituais diversos. Atualmente, ao final de 2018, 20 livros já eram disponibilizados por Pablo ao público: *Sabedoria em versos* (2001), *Depoimentos do Além* (2005), *Vidas em versos* (2005), *O Trabalhador do Umbral* (2007), *Experiências extrafísicas* (2008), *Fundamentos de Psicoterapia Reencarnacionista e um estudo de caso* (2009), *Reflexões* (2009), *Experiências extrafísicas II* (2010), *Percepções* (2011), *Sonetos para refletir* (2011), *Espiritualismo em foco* (2012), *Faces da projeção astral* (2012), *Novas percepções* (2013), *Experiências extrafísicas III* (2013), *Vivências* (2014), *Projeção astral: perguntas e respostas via Internet* (2014), *Guardião* (2014), *Viagem astral: relatos comentados* (2015), *Vivências de Umbanda* (2016) e *Umbanda e experiências fora do corpo* (2017).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos bons mentores espirituais pelo amparo e proteção. Pai e mãe, muito obrigado pelo amor e sacrifício desinteressados. Sou profundamente grato, também, aos muitos amigos materiais que de forma indireta contribuíram para a execução desta obra. Estes são tantos, que prefiro não citá-los, para evitar cometer uma injustiça com alguém. Agradeço especialmente a Terezinha S. do Carmo e Nélon Vilhenna, pois colaboraram diretamente na elaboração deste livro.

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra ao amigo e mestre Nélon Vilhenna, que me orientou nos primeiros e fundamentais passos na Espiritualidade. Ele desencarnou em 27/09/2018, na data comemorativa umbandista de São Cosme e São Damião. Tenho convicção de que ele foi recebido em uma bela festa da Linha das Crianças, no Plano Astral, já que cumpriu sua missão espiritual com um idealismo e dedicação praticamente incomparáveis. Seus restos mortais foram enterrados no dia 28/09/2018, uma sexta-feira de Oxalá. Essas duas datas que marcaram a finalização de sua passagem pela vida terrena, representam bem quem foi o Nélon aqui e qual Nélon renasce no Mundo Espiritual. Ele esteve e sempre estará presente nas vidas de quem auxiliou. Um grande abraço a ti, amigo e mestre.

CAPA

A capa é fotografia de K. Paulick, que pertence aos arquivos do *site* <http://pixabay.com/pt/> (acesso em 06/08/2018), e, conforme o mesmo, de uso inteiramente livre.

DIREITOS AUTORAIS - Atenção!

Esta obra possui direitos autorais devidamente registrados, e não será comercializada de forma alguma. Embora o livro seja oferecido gratuitamente, através de *download*, pelo *site* **www.harmonianet.org**, ele só poderá ser reproduzido com a autorização do autor, após contato através do *e-mail* **contato@harmonianet.org**, quando será permitido citá-lo em parte ou no todo, desde que denominando o “autor” e a *home page* responsável pela sua manutenção na internet.

ÍNDICE

PREFÁCIO	1
INTRODUÇÃO	2
CRÔNICAS	4
1- O almoço de Jonas	5
2- Vô João	8
3- O doente	11
4- Os irmãos e a missão	15
5- Rosa	23
6- A orientação de Guaracy	28
7- O enterro	32
8- O intruso	36
9- Os quatro amigos	41
10- O mendigo	46
11- O advogado	51
12- A Senhora do Lago	56
13- Aninha e Pedrinho	60
14- Os três soldados	65
15- Luz na cachoeira	70
16- O jardineiro	78
PALAVRAS FINAIS	91

PREFÁCIO

A presente obra é composta por textos espiritualistas de cunho universalista. Os adeptos umbandistas perceberão, com facilidade, que as crônicas abordam a Espiritualidade do Umbandismo. No entanto, de uma forma geral, há uma certa sutileza, principalmente em determinados capítulos. Isto poderá agradar, também, aos mais diversos buscadores daquilo que transcende à vida material e que se caracterizam pela mente livre de preconceitos. Além disso, muitos assuntos tratados nas crônicas são de interesse universal, com grande independência em relação a questões culturais ou religiosas.

A seguir, na introdução deste livro, de maneira genérica, mas com alguns exemplos, é comentado como os textos foram produzidos, configurando este trabalho como uma obra inspirada. Uma boa leitura a todos.

INTRODUÇÃO

Enquanto escrevo esta introdução, em agosto de 2018, preciso registrar que tenho notado, ultimamente, o surgimento de novos escritores sobre o tema “Umbanda” e também a consolidação de outros autores na referida temática. Isto tem me deixado feliz, porque o movimento umbandista é relativamente recente no campo da espiritualidade brasileira, embora já tenha se expandido para outros países. Neste contexto, é de suma importância que a essência do Umbandismo seja disponibilizada ao grande público. Desta forma, as pessoas que sentirem uma natural afinidade com esta corrente espiritual, poderão conhecê-la melhor e, até mesmo, buscar uma das várias vertentes que têm aflorado da grande matriz umbandista.

Quanto à presente obra, sinto a necessidade de expor qual o mecanismo pelo qual escrevi as crônicas que compõem o livro, pois alguns leitores amigos, volta e meia, me indagam quais processos mediúnicos que utilizo, nos diferentes temas abordados. O que posso responder, de forma genérica, é que há variações. Alguns livros surgiram pela psicografia semimecânica. Ocorreram textos que me foram ditados, pois tenho alguma facilidade de “ouvir” aos espíritos, ou seja, a chamada “clariaudiência”. Mas, o “Aqui e Além – Crônicas de Umbanda” aconteceu de uma maneira especial, que relato a seguir, na forma de exemplos.

No caso do capítulo 1, “O almoço de Jonas”, o contexto da história já estava na minha mente, há alguns anos. Por diversas vezes que eu entrava em um restaurante, na hora do almoço de meu trabalho, vinha-me à mente o tema central deste enredo. Era uma intuição persistente, que eu sempre adiava em colocar no papel. Não via um motivo claro em escrever sobre aquilo, mas quando o fiz, fiquei surpreso com o final da história, que anteriormente eu não vislumbrara. Assim, notei que o passo a passo da crônica, bem como o desfecho, eram resultantes de uma inspiração ou influência externa. Além disso, após compartilhar o texto no Facebook, notei que foi útil e agradou a diversas pessoas. Isto me estimulou a deixar fluir essas inspirações súbitas e outras crônicas foram surgindo...

Quanto à crônica “Os quatro amigos”, a narrativa foi surgindo aos poucos em minha mente, em dias variados, apresentando-se como um roteiro com alguns pontos principais, porém sem uma finalização. No dia em que resolvi sentar e escrever, a história se materializou bem rapidamente no papel, contendo um desfecho inesperado. Porém, mais inesperado ainda, foi ouvir um exu gargalhando fartamente no meu escritório, enquanto estava terminando o texto. Ou seja, era ele que me inspirava o conteúdo. Não adiantarei aqui qual é o guardião, que poderá ser facilmente identificado pelos leitores umbandistas, ao final da crônica citada.

Em relação ao capítulo “O mendigo”, logo pela manhã, ao sair de casa para o trabalho, notei um homem dormindo na calçada. Ele estava sujo e algumas moscas o sobrevoavam. Lamentei, mentalmente, a situação dele e continuei a minha jornada. Ao dobrar uma esquina, um guardião começou a me contar sobre um mendigo. Era uma história interessante e eu tinha que me dividir entre prestar atenção ao caminho e captar o enredo revelado. Quando cheguei ao prédio onde trabalho, a crônica já estava bem alinhavada. Eu não sabia de maiores detalhes e sobre o final, que só seria de meu conhecimento à noite, em casa, quando pude sentar e deixar fluir o conteúdo.

Assim, concluí que a presente obra foi toda permeada por inspirações das entidades, com alguma colaboração anímica de minha parte. Espero que tenha utilidade aos leitores, no sentido de permitir boas reflexões sobre a vida material, sobre o desencarne e quanto à vida do “outro lado”, porque, afinal de contas, “Aqui” e “Além” estão muito próximos.

CRÔNICAS

1- O ALMOÇO DE JONAS

Jonas perambulava pelas ruas do Centro da Cidade do Rio de Janeiro. Tinha fome e pensava que já estava na hora de fazer uma nova refeição. Sentiu um aroma de boa comida e se permitiu ser guiado pela mistura de cheiros de tempero.

Logo estava em frente a uma larga porta de vidro, aberta ao público passante. Estacou na entrada do estabelecimento comercial, um restaurante a quilo, entendendo que era dali que vinham os aromas atrativos. Ele, então, entrou e apanhou um prato. Percorreu uma sequência de recipientes com diversos tipos de alimento, desde saladas, até carnes variadas. E o feijão? Ah o feijão! Como ele queria comer uma feijoada! Ali não havia uma típica feijoada, mas tinha feijão-preto e o mulatinho. Estava decidido! Era naquele local, que ele comeria.

Assim, Jonas passou a se servir um pouco de cada opção. Um pouco de quase tudo! Logo estava sentado, sorvendo cada garfada, com um profundo prazer. Mas, esta satisfação não durou muito! Vindo da cozinha do estabelecimento, um senhor quase calvo, mas com um farto bigode grisalho, abordou Jonas:

- O senhor não pesou a comida! Faça o favor de pesá-la!

Jonas, surpreso com a sua falta de atenção, colocou:

- Desculpe-me a distração! Não foi por mal!

O dono do restaurante retrucou, em tom azedo:

- Já estou cansado de espertinhos! A balança está logo ali, à vista de todo mundo!

Quase todo dia é a mesma coisa! Sempre aparece um que não quer pagar!

Jonas, envergonhado, repetiu que não havia agido de má-fé e, para provar, disse:

- Vou mostrar ao senhor que tenho dinheiro para pagar! Aliás, qual o seu nome?

E o velho respondeu, sem paciência:

- Manoel! Meu nome é Manoel! Mas, cadê o dinheiro?

Agora, Jonas vasculhava o seu bolso direito. Depois, o esquerdo. Nada encontrando, mexeu nos bolsos de trás da calça, constatando estar totalmente desprovido. Então, falou:

- Eu fui roubado! Só pode ser isso! Nem meus documentos estão comigo!

- Passa fora! Passa fora! (disse, rispidamente, o dono do estabelecimento)

Entretanto, quando o velho Manoel já avançava contra Jonas, foi subitamente parado por uma voz firme:

- “Manel”, eu já não te avisei que aqui não é mais o seu lugar!

A voz vinha da entrada do restaurante. Ali estava um homem de elevada estatura, bem arrumado, com uma calça preta, camisa encarnada e, sobre ela, uma espécie de casaco negro semiaberto. Depois de uns instantes de silêncio, Manoel falou em tom manso, quase de súplica:

- É verdade, mas eu só sei fazer isso! Se, ao menos, pudesse ter a Maria do meu lado de novo...

A seguir, o homem tornou a se comunicar:

- “Manel” não é possível trazer Maria aqui, mas tem alguém que quer ver você há muito tempo.

Então, de trás do homem, surgiu pequena figura feminina. Era uma velha senhora, que se adiantou suavemente, vestida como uma camponesa portuguesa. Manoel arregalou os olhos e disse:

- Minha mãe! Minha mãe querida!

O velho, em seguida, caiu de joelhos. Chorava como uma criança. A senhora se moveu e o abraçou longamente.

Jonas estava paralisado vendo aquela cena surreal. Estava confuso. Em sua mente, surgiram perguntas. Como aquela senhora, que aparentava ter a mesma idade do dono do restaurante, poderia ser sua mãe? Porque as pessoas que comiam, em suas mesas, ignoravam tudo o que estava acontecendo ali?

Mas, agora, novo fato transcorria. A idosa senhora parecia brilhar. Sim! Realmente brilhava! E a luz ia aumentando e envolvendo Manoel. Então, sem que houvesse qualquer aviso, ambos sumiram num fecho luminoso.

No ambiente, restavam Jonas, quatro pessoas que almoçavam tranquilamente, dois funcionários do estabelecimento comercial e o homem quase todo vestido de

preto, na entrada do restaurante. O local só não estava totalmente silencioso, porque se ouvia o tilintar de talheres dos fregueses e alguns sons provenientes da cozinha. Entretanto, o alto homem que antes abordara o senhor Manoel apontou Jonas e indagou:

- E você, moço, já entendeu a situação?

Jonas, embora com a cabeça fervilhando, chegava à conclusão de que não pertencia mais ao chamado “mundo dos vivos”. Apesar de sentir-se vivo, como sempre, agora recordava dos momentos que precederam a sua súbita morte física. Não queria crer, mas estava desencarnado.

Ele tentou pegar no garfo, que era uma plasmagem frágil, oriunda de sua mente. O talher se esvaiu como fumaça. O prato de comida ainda estava lá, pois Jonas havia de fato retirado parte da essência dos alimentos, que estavam à disposição do público. Na sequência, Jonas sentiu o seu entorno girar. Ia desfalecendo, mas não caiu. Agora o amparava, o homem de preto.

2- VÔ JOÃO

Raul estava no ponto de ônibus, às 18 horas. Seu turno de trabalho era à noite e, por isso, sempre pegava condução praticamente vazia, quando o fluxo maior de trabalhadores era contrário ao seu trajeto.

Estava um pouco impaciente, quando o coletivo dobrou a esquina e se aproximou de onde se localizava. Ele subiu no ônibus, pagou a sua passagem e se admirou pelo veículo estar com quase todos os lugares ocupados. Só havia a opção de sentar ao lado de um senhor negro idoso, próximo ao motorista. Raul não titubeou e logo se acomodou ao lado daquela pessoa.

A viagem duraria, como sempre, entre 50 minutos e uma hora. Assim, tentaria tirar um cochilo, como normalmente fazia. No entanto, depois de alguns poucos minutos, desistiu. Raul estava estranhamente desperto e, por isso, passou a analisar o homem ao seu lado. O velho usava roupas humildes, calçando sandálias de couro. Tinha mãos calejadas, como o pessoal da roça, e estava perfumado. Parecia ser cheiro de alfazema.

Num dado instante, aquele senhor negro puxou assunto, perguntando:

- O moço está indo trabalhar não é mesmo?

Raul, simpatizando com o idoso de cabelos quase todos brancos, respondeu:

- Sim senhor! Mas, como adivinhou?

O velho, em seguida, colocou:

- É fácil perceber que o moço é bom trabalhador...

Raul sorriu e assinalou:

- Eu tenho que trabalhar direito, porque eu lido com vidas. Não posso falhar! Sou enfermeiro.

O idoso, então, esticou a conversa:

- Muito importante o seu trabalho, viu!? Deus abençoe sua tarefa. Eu já trabalhei bastante, mas foi na roça. Plantei e colhi muito na minha vida, mas não desisti ainda não. Continuo jogando umas sementes na terra...

Após um intervalo no diálogo, percebia-se que o coletivo estava silencioso. Embora todos os lugares estivessem ocupados, ninguém conversava. Só havia o ruído do motor e a troca de palavras intermitente entre Raul e o homem desconhecido. O enfermeiro, então, se apresentou e perguntou:

- Qual o nome do senhor?

E teve como resposta:

- Meu nome é João, mas como eu tenho muitos filhos e netos, me chamam “vô João”.

Raul resolveu brincar com o velho e disse:

- Ah! Então o “vô João” não foi bobo não, hein?! Quantos filhos o senhor fez?

O idoso sorriu e não tardou na resposta:

- Ah, moço! Eu já perdi a conta. Mas uma coisa é certa! Nunca faltei com a responsabilidade. Labutei de sol a sol para não faltar com o sustento deles.

- Então, o senhor teve uma vida difícil...

Isto concluía o enfermeiro, quando o velho voltou a falar:

- Não posso me queixar não, moço, porque eu colhi o que plantei. Alguns filhos até reclamavam da pobreza, mas eu não dei só comida! Dei bons conselhos e ensinei que a honestidade não tem preço!

Raul, em seguida, assinalou:

- É “vô João”, o senhor fez o certo! Nem só de pão vive o homem!

O idoso logo comunicou:

- Muito bem, meu filho, você tem boa visão da vida. Você está no caminho certo!

Um novo silêncio se fez no ônibus. Parecia que todos prestavam atenção no diálogo entre o enfermeiro e o homem de idade. Percebendo que o “vô João” ficou quieto e de olhos fechados, Raul não o interpelou por um tempo, mas ficou analisando a sua postura e imagem. Sentiu que ele emanava paz.

Quando o idoso abriu os olhos, Raul indagou:

- O senhor ainda trabalha?

“Vô João”, em breve, respondeu:

- Sim, moço! Como eu falei antes, ainda joga algumas sementes na terra...

Raul ia retrucar alguma coisa, quando o velho colocou:

- Meu filho, vai perder o seu ponto. Está na hora de você saltar. Deus te abençoe e também ao seu trabalho.

Então, Raul percebeu, surpreso, que o homem tinha razão. Estava completamente distraído e logo fez sinal ao motorista. Quando o ônibus parou em frente ao hospital, o enfermeiro acenou e se despediu:

- Fique com Deus, “vô João”!

Logo após Raul saltar do coletivo, o motorista comentou com um passageiro próximo:

- Tá vendo aí?! É cada maluco que aparece! Falou sozinho a viagem toda!

O passageiro respondeu, de bate-pronto:

- Pois é, estou só com minha mulher aqui. O ônibus está praticamente vazio e o homem conversou como se tivesse alguém do lado dele, na janela. Deve ser um drogado!

No entanto, ao contrário do que o motorista e o casal de passageiros pensava, o coletivo estava cheio. Num banco próximo, estava “vô João”, agora de olhos fechados novamente. Parecia bem concentrado em algo.

No ponto final do ônibus, o idoso negro saltou calmamente e, atrás dele, os demais passageiros desencarnados o seguiram. Formaram uma espécie de fila e caminhavam na direção de uma igreja. Contudo, antes de adentrarem no templo, sumiram através de um portal de luz. O trabalho do “vô João” era o de encaminhar almas perdidas...

3- O DOENTE

José era um homem doente. Padecia de um mal crônico. Assim, havia períodos em que se via forçado a ficar internado em um hospital, onde se tornou bem conhecido.

Doutor Raul, que sempre cuidava de José nas fases mais agudas da doença, era mais que um médico para o paciente.

Naquela tarde, mais uma vez se encontravam na enfermaria do hospital. Doutor Raul, ao ver José, logo falou:

- Ô José, estava com saudades de mim e veio me visitar!

O paciente, tentando ser simpático, em meio ao desconforto, retrucou:

- Doutor Raul está de brincadeira, não é? Se fosse para encontrar o senhor, seria melhor na beira da praia... tomando uma água de coco...

O médico sorriu e logo colocou:

- Ô Zé, vamos combinar então! Você vai fazer as medicações direitinho, vai fazer a dieta e, da próxima vez, combinamos a praia!

O doente se esforçou para rir e balançou a cabeça afirmativamente. Então, aceitou resignadamente a injeção que uma enfermeira trazia. Logo dormiu, para acordar novamente só no dia seguinte.

Pela manhã, perguntou a uma auxiliar de enfermagem a que horas o Doutor Raul iria vê-lo. E teve como resposta:

- Só às 18:00 horas. Por ora, o senhor precisa se alimentar.

Como ela lhe apresentava uma bandeja, com um conteúdo não desejado, José fez uma careta. Mas, teve que se conformar...

Mais tarde, após um novo sono profundo, José despertou. Não demorou e indagou a primeira pessoa que viu:

- O Doutor Raul já chegou?

Uma jovem, com roupa típica de hospital, o atendeu com muita atenção:

- Seu José, o médico daqui a pouco vai passar para fazer uma revisão no seu estado.

O paciente, um tanto atordoado, teve forças para dizer:

- Eu queria falar com o Raul. Não é ele que vai me avaliar?

A moça, a seguir, o esclareceu:

- Quem virá hoje é o Doutor Carlos.

José aquietou-se, mas pensou no porquê o seu médico conhecido não estava ali. Será que algum problema teria acontecido com ele?

Depois, de fato apareceu um médico diferente, que se apresentou cordialmente:

- Como vai José? Meu nome é Carlos e estou aqui para ajudá-lo.

O doente teve boa impressão quanto ao profissional, mas não deixou de indagar, após ter trocado umas palavras e queixar-se de seus sintomas:

- Doutor, o senhor tem alguma notícia do Raul? Não me leve a mal, mas ele sempre cuidou de mim. Ele está com algum problema?

Carlos não parecia muito disposto a falar sobre o Raul, nem muito menos sobre a vida particular dele. Assim, desconversou:

- Seu José, não se preocupe com Doutor Raul. É melhor, no momento, pensar na sua recuperação.

Depois de ouvir o homem de branco, José preferiu acomodar-se e esperar. Mais cedo ou mais tarde, chegaria o plantão do Doutor Raul, pensou o doente.

No entanto, após vários dias, apenas Doutor Carlos vinha vê-lo. Além disso, José andava muito sonolento. Por isso, numa das revisões do novo médico, o paciente questionou:

- Doutor Carlos, ando com muito sono. Não me recordo de ter visto o Raul. Ele passou por aqui, enquanto eu dormia? E nos dias de visita, meu filho veio me ver?

O médico permaneceu em silêncio e, por isso, José voltou a divagar:

- Doutor, o meu filho é vendedor e trabalha viajando muito. Deve estar longe no momento. Mas, o Raul, aconteceu alguma coisa com ele? Não estou com um bom pressentimento... Ele foi despedido do hospital ou aconteceu algo pior?

Doutor Carlos, então, manifestou-se:

- Seu José, o que posso dizer é que ele está muito bem, mas não poderá vir até aqui...

O paciente, a seguir, assinalou:

- Então está de férias, não é? Sendo assim, estou até aliviado, porque eu já pensava no pior. Um homem bom, como aquele, não poderia morrer tão jovem!

O médico, em seguida, salientou:

- Tudo na vida é passageiro, seu José. Esta doença que lhe aflige é passageira e a própria morte, que o senhor citou, também não é algo definitivo.

José não esperava ouvir aquela declaração e, desta forma, indagou:

- O Doutor acredita na vida após a morte?

E Carlos esclareceu:

- A vida permanece. Ela é sempre vitoriosa... Agora descanse, para recuperar-se mais rapidamente.

Após o diálogo, José adormeceu. No entanto, desta vez, teve sonhos muito vívidos. Quando despertou, estava ao pé da cama o Doutor Carlos. O paciente logo tratou de falar:

- O senhor precisa me ouvir. Tive um sonho muito estranho.

- Conte-me tudo, seu José (disse o médico).

- Bem, eu vi uma linda senhora de cabelos negros e compridos. Ela usava longo vestido azul, mas tinha um brilho prateado em volta. Ela se aproximou de mim e me pegou no colo, como se eu fosse um bebê. Eu tinha sono, mas pude ver tudo!

- Conte-me mais (estimulou o médico).

O doente continuou:

- Então, ela me levou para um passeio. Nós flutuávamos. Passamos por cima do mar e descemos numa praia. Dali, fomos até a minha casa. Vi minha cama vazia. Meu filho estava triste e até chorou.

- Mais alguma coisa? (questionou Carlos)

- Sim, Doutor. Vi rapidamente minha mulher, já falecida. Ela estava feliz. Mas, depois, vi uma lápide de cemitério e nela estava o meu nome... Então, fiquei nervoso,

confuso, e só lembro de estar nos braços da senhora de vestido azul. Ela era linda, sabe?

O médico permaneceu em silêncio, observando fixa e serenamente os olhos do paciente. Então, José perguntou timidamente:

- Doutor, eu morri?

Carlos logo esclareceu:

-Não José, eu e você estamos vivos. Apenas não temos mais o corpo físico.

4- OS IRMÃOS E A MISSÃO

José e Djair eram irmãos gêmeos. Contavam pouco menos de 40 anos de idade. Na infância, viviam adoentados e a falecida mãe sempre os levava ao “seu Martinho”, um rezador e curandeiro, que sempre “dava um jeito” nos meninos. Ora os beneficiava com suas rezas e benzeduras, ora trazia o restabelecimento com seus chás e banhos de ervas.

Quando os garotos eram quase adolescentes, na última ida ao “seu Martinho”, o homem fez uma revelação:

- Dona Ermelinda, seus filhos têm uma missão! Vieram na Terra para prestar a caridade! Um dia eles vão fundar um centro e trabalhar no Espiritismo! Vão ajudar muita gente...

Os anos passaram e os irmãos aprumaram a saúde. A família se mudou para um bairro distante e perderam o contato com o “seu Martinho”.

José e Djair se casaram, mas moravam na mesma rua. Sempre foram unidos e preferiram manter-se próximos. Tinham muita afinidade e até os problemas eram semelhantes. Pouco tempo depois de casados, descobriram que não poderiam se tornar pais, pois ambos traziam uma limitação fisiológica. Não tendo filhos, viviam para o trabalho e para as esposas. Faltava algo na vida deles, embora fossem relativamente felizes. Assim, cogitavam a adoção para completarem suas famílias. E num determinado dia, vinha novamente à baila o assunto, entre eles:

- José, voltei a falar com minha mulher sobre adotar uma criança. Ela parece aceitar bem. E você, mano?

- Djair, penso a mesma coisa, mas sempre lembro do “seu Martinho”. Ele disse que a gente ia formar um centro. A mediunidade está sempre presente nas nossas vidas. Você vê os espíritos com facilidade e eu estou sempre os ouvindo...

- Ô mano, isso é muita responsabilidade! Será que a gente está pronto? Prefiro continuar assistindo às palestras lá no centro da Dona Cotinha... (retrucou Djair)

José permaneceu calado por um tempo, até que confessou:

- Djair, venho ouvindo entidades e, ultimamente, têm me dito que a nossa hora está chegando. Acho que não dá pra protelar mais...

O irmão, após pensar um pouco, se manifestou:

- Zé, na realidade, não temos grandes recursos. Se pelo menos tivéssemos uma herança, como a Dona Cotinha, que construiu o seu centro, a partir de um terreno deixado pelo pai, facilitaria as coisas!

José, que era o irmão gêmeo mais velho, por cerca de 15 minutos apenas, assinalou:

- Então, vamos esperar o sinal.

- Que sinal? (indagou Djair)

José logo respondeu:

- Um espírito amigo me disse, há poucos dias, que haveria um sinal em breve. Não sei qual é, mas isso vai permitir a gente fundar um centro.

Em seguida, ambos se despediram, pois já era tarde. No dia seguinte, uma sexta-feira, os dois precisariam ir trabalhar cedo.

No sábado, Djair foi procurar seu irmão logo pela manhã. José, surpreso, acelerou o passo até o portão, onde seu mano o chamava ansioso. Ele abriu o portão e indagou:

- O que foi Djair? Aconteceu alguma coisa?

- Aconteceu o sinal, Zé! Aconteceu o sinal!

- Como assim? O que houve? Vamos entrar, Djair!

Os dois foram apressados até a mesa da varanda, onde José intimou o irmão a falar:

- O que aconteceu, Djair?

- Você tinha falado de um sinal, Zé! Tenho certeza que aconteceu!

Como José ficou quieto, em expectativa, seu irmão continuou:

- Quando voltei do trabalho, à tardinha, tomei um banho e jantei. Fui até o quintal molhar as plantas, quando passou na rua um senhor de idade. Ele parou no portão, enquanto eu ainda irrigava as flores. Ele me chamou e fui até lá. Então, reconheci o “seu Martinho”. Ele está velhinho, mas bem lúcido. Fiquei muito emocionado. Eu

pensava que ele era um espírito, né? Afinal de contas, perdemos ele de vista há muito tempo. Mas, no final da conversa, ele me tocou. Aí percebi que era de carne e osso.

- E o que ele te disse, Djair? Como te encontrou? (indagou José, muito curioso)

Logo veio a resposta:

- Bem, mano, ele disse que veio morar numa rua no alto de nosso bairro e soube que estávamos aqui. Ele me convidou a conhecer a casa dele e disse para eu te levar também. Ele vai fazer uma sessão mediúnica de mesa. É amanhã, domingo, às 18:00 h. É uma reunião fechada, mas nós fomos convidados. Eu achava que ele era um espírito, mas naquele instante me tocou, deixando este papel na minha mão, com o endereço. Eu fiquei paralisado, enquanto ele falava. Eu quase não acreditava! Era o sinal que você havia dito!

José estava atônito, ouvindo o irmão, mas, saindo deste estado, assinalou:

- Djair, este acontecimento é fantástico! Não esperava reencontrar “seu Martinho” com vida. Mas, porque isto é um sinal de que vamos fundar um centro?

O irmão gêmeo mais novo explicou:

- Ora mano, isso tudo não é somente coincidência! Para mim, é um sinal, porque foi o “seu Martinho” que nos falou de nossa missão, quando éramos garotos.

José coçou a cabeça, sentindo-se meio confuso, mas voltou a se comunicar:

- E o que ele falou mais?

Djair, já se despedindo, de pé, respondeu:

- Mano, ele disse pra gente chegar neste endereço, que é uma casinha velha, empurrar um portãozinho de madeira, que está só encostado, e dar a volta na casa. Lá atrás, tem uma área coberta por um telhado, onde está uma mesa grande com alguns lugares. Falou que vai ter duas cadeiras vazias, onde a gente deve se sentar em silêncio, porque assim que a gente chegar, vai começar a sessão. Ele falou para a gente ser pontual, porque às 18:00 h ele e os outros participantes já vão estar nos esperando e sentados à mesa.

José ouviu tudo com atenção e colocou:

- Certo, Djair! Vou avisar Maria que tenho esse compromisso amanhã. Vou dizer a ela que só volto para a janta.

Djair, concordando, disse:

- Certo irmão, já avisei a minha patroa. Passo aqui às 17:30 h e vamos juntos. Não é longe! Dá para ir a pé.

O domingo não demorou a chegar e as horas passaram, céleres, até que o momento combinado pelos irmãos se concretizou. Os dois juntos subiram as ladeiras que os faria atingir o endereço no alto do bairro. Pareciam garotos novamente. Era grande a expectativa.

Quando chegaram no local, depararam-se com uma casinha humilde. Viram o portão de madeira mencionado e o empurraram. Havia uma placa de “vende-se”, com um número de telefone. Ela não ficou despercebida pelos dois, que a estranharam, mas nada comentaram um com o outro. Atravessaram o quintal estreito, indo para os fundos do terreno. Uma vez lá atrás, notaram que o local era amplo e logo divisaram a localidade antes descrita por “seu Martinho”. Era um telheiro que cobria uma longa mesa de madeira maciça, ladeada por algumas cadeiras, quase todas ocupadas.

O velho Martinho acenou para os gêmeos e apontou duas cadeiras vazias. Quando José e Dair chegaram até os lugares reservados, sentiram uma eletricidade no ar. Pareciam estar numa outra dimensão, algo muito bom e até perfumado. Sentaram-se e “seu Martinho” disse que faltavam cinco minutos para as 18:00 h. Então, passou a apresentar os demais participantes aos recém-chegados. E disse:

- Meus queridos José e Djair, na outra cabeceira da mesa está Malaquias, profundo conhecedor da alma humana.

O senhor Malaquias, um homem tão idoso quanto Martinho, agora sorria com dentes muito brancos, que contrastavam com sua pele negra. Vestia um terninho claro, antigo e meio amarrotado.

A seguir, “seu Martinho” prosseguiu:

- Aqui a minha direita, está Doutor Frederick. Este nosso irmão é médico e sabe curar o corpo e o espírito.

Logo o corpulento senhor, de aparência germânica, também sorria aos novatos.

“Seu Martinho”, então, apresentou o outro componente do grupo, que estava ao lado de Frederick:

- Aquele é Onofre, um doutor advogado, que entende muito bem as leis humanas, mas prefere se dedicar às coisas do espírito.

O homem balançou a cabeça, em concordância, e deu boas-vindas aos gêmeos, num sotaque português.

Então, Martinho passou a fazer uma oração de abertura da sessão mediúnica, que foi muito bela. Ao seu final, desejou que ali, naquele dia, os irmãos gêmeos fossem muito abençoados pela tarefa espiritual que se iniciava. Djair e José, que estavam lado a lado, se entreolharam rapidamente, surpresos. Intimamente, se indagavam o que aconteceria ali.

Na sequência, foi lido um trecho de um capítulo do livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Ao final, Martinho pediu que o velho Malaquias fizesse comentários. Este fez breve, mas profunda reflexão sobre o tema, demonstrando grande sabedoria. Djair, cuja vidência era frequente, notou bonito halo de luz dourada sobre a cabeça do ancião, enquanto ele falava. O próprio José, cuja principal faculdade mediúnica era ouvir aos espíritos, também enxergou a luz dourada sobre a cabeça de Malaquias. Ambos irmãos permaneciam calados, absorvendo cada momento da reunião, que, agora, passaria a fazer uma irradiação para os enfermos de um hospital próximo.

Assim, a palavra foi passada ao médico Frederick. Este passou a evocar forças espirituais de planos mais elevados. Enquanto falava, surgiu uma torrente de energias que descia sobre a mesa maciça. Parecia uma cascata de luzes, que, ao bater sobre a madeira, dirigia-se para um rumo, que era o principal hospital da cidade. Agora, os irmãos estavam de fato muito impressionados. Eles viam o que estava acontecendo, parecendo que participavam de um sonho. Os dois suavam. Não

percebiam, mas deles partiam bioenergias que se juntavam à corrente energética de cura. Atuavam como médiuns involuntariamente.

Após a tarefa, “seu Martinho” orientou que todos deviam respirar profundamente, aproveitando a energia do Alto, que ainda descia. Então, pediu ao advogado que fizesse uma prece aos presos e marginalizados de todo tipo. Onofre falou sobre regeneração, que é uma força que está no íntimo de cada criatura. Assim, fez uma oração muito intensa, que movimentou energias de tom predominantemente violáceo. Aquela cúpula energética, que recobriu a mesa, se irradiava vibrantemente em todas as direções. José e Djair estavam sem palavras. Não esperavam ver a manifestação espiritual, em cores tão vívidas.

Depois de alguns minutos, aquele conjunto de forças se desfez. Martinho, naquele momento, se dirigiu aos gêmeos:

- Meus queridos, vocês já entenderam por que estão aqui?

Após instantes de silêncio, José assinalou:

- Olha, “seu Martinho”, não sei exatamente o porquê, mas nunca tinha visto tanta beleza em minha vida. Este local é abençoado por Deus!

O velho benzedor, que muitas vezes tinha acudido os irmãos na infância, disse:

- Acho que vocês ainda não entenderam tudo. Por favor, Malaquias, diga algo a mais a seu respeito.

O idoso negro, então, levantou-se de sua cadeira e manifestou-se:

- Meus filhos, numa vida passada tive esta aparência que podem observar em detalhes. Estou à disposição de vocês, para a missão que planejaram cumprir antes de reencarnar. Na Umbanda, sou Pai Malaquias, mas se desejarem trabalhar de outra forma, também sou chamado Ravi.

Ao pronunciar o nome “Ravi”, o preto-velho transmutou sua aparência, mostrando-se como um hindu de idade mediana, com um turbante na cabeça. A seguir, flutuou e sumiu diante dos atônitos José e Djair.

Em seguida, após uma troca de olhares entre Martinho e Doutor Frederick, o médico levantou-se e, dirigindo-se aos gêmeos, comunicou:

- Aguardo a decisão de vocês! Na minha última encarnação, fui médico e posso ajudar desta forma, em trabalhos dentro do Espiritismo. Mas, aprendi muito numa vida indígena anterior e se precisarem de mim, deste jeito, sou Caboclo Ubiratan.

Logo após emitir o nome usado na corrente umbandista, o médico tornou-se um índio de aparência forte e esguia. Flutuou brevemente e desapareceu.

José e Djair mantinham-se paralisados à mesa. Não sabiam como proceder ou o que dizer. Martinho interveio, em meio ao silêncio que se fez, e estendeu a mão em direção a Onofre. Este se ergueu e pronunciou, com seu forte sotaque de Portugal:

- Caros amigos, não se detenham! Estamos cá, para ajudá-los! Se não se acostumarem com este advogado lusitano, posso trabalhar com a inocência que tive um dia, quando era chamado Joaquinzinho. Ao dizer “Joaquinzinho”, a entidade tomou uma aparência de vida pretérita, tornando-se um garotinho de faces rosadas e sorriso largo. Ele passou a correr no ambiente, em volta da mesa, rindo muito. Conforme ria, tornava-se mais leve, subindo em espiral, até sumir do local.

Naquele momento, José e Djair choravam discretamente. A emoção se apossara deles. Martinho aguardou a recomposição dos irmãos, para voltar a dialogar:

- Meus queridos, este dia é muito especial para vocês. Nos esforçamos para realizar isso, porque são merecedores e porque têm uma missão importante aqui na Terra. Alguma pergunta?

Djair adiantou-se e indagou:

- O senhor vai nos ajudar a fundar um centro espírita? Não sabemos onde construir a casa!

“Seu Martinho” sorriu e respondeu:

- Mas eu já ajudei! Não viram na entrada desta casa um anúncio de venda, com um número de telefone? Liguem para o meu filho, o Genésio. Eu o orientei a não passar a casa adiante, enquanto irmãos gêmeos não os procurassem. Falem que estiveram comigo e ele entenderá.

- Como assim, “seu Martinho”? Não compreendi! (disse José)

- Ora, meu jovem, o meu filho está avisado que deverá passar esta casa para o nome de vocês, porque aqui farão um trabalho mediúnico gratuito. Estas foram minhas últimas palavras ao Genésio, antes do meu desencarne, há sete anos. Liguem para ele!

Logo em seguida, Martinho levantou-se e sorriu. Sua figura foi esvaindo-se, lentamente, até que no ambiente só ficassem dois homens chorando como crianças.

5- ROSA

Rosa não era a mesma pessoa, após o noivado desfeito, por iniciativa de Marcos. O rapaz alegara não estar pronto para assumir tal responsabilidade, pois queria fazer um novo curso universitário. Ele havia desistido da primeira profissão e queria uma nova. Mas, isso não era tudo. Marcos também desejava uma outra companheira e Rosa descobrira tudo.

A jovem mulher, de início, aborreceu-se muito. Ficou magoada pelo relacionamento de cinco anos ser desfeito, de uma hora para outra. Com o tempo, Rosa entregou-se a um desânimo constante. A vida parecia ter perdido as cores e sabores. Nada a estimulava com intensidade. Apenas se interessava por questões afetivas de colegas ou parentes. Sempre que possível, ela dava o seu palpite ou aconselhava as pessoas, no sentido de apaziguar os ânimos, de promover a conciliação. Ou seja, ela desejava aos outros a conciliação que não conseguiu concretizar com o seu antigo noivo.

Após esta fase de ação conselheira junto a parentes e amigos, Rosa passou a sair de casa, buscando pessoas problemáticas para ajudar. Como ela não havia resolvido o seu “problema”, sentia-se bem tentando ajudar o semelhante. De certa forma, ela fugia de si mesma, embora fosse pessoa bem-intencionada.

Assim, a jovem mulher passou a frequentar um determinado barzinho de seu bairro, quase todas as tardes até a noite, quando se recolhia após ter encontrado e interagido com alguém triste ou meio perdido na vida.

Naquele sábado, Rosa estava novamente no bar. Perambulava entre as mesinhas e cadeiras, observando as pessoas. Umas bebiam alegremente. Outras fumavam despreocupadamente. Então, viu uma moça com olhar muito tristonho, perdida em seus próprios pensamentos. Parecia um pouco bêbada. Rosa se aproximou e notou que ela murmurava, agora, palavras ao vento. Conversava sozinha ou se lamentava de algo. Rosa, agindo de uma forma um tanto impulsiva,

sentou-se numa cadeira vazia, na mesma mesa onde estava a jovem. A seguir, Rosa perguntou:

- Você não ficaria chateada de me sentar aqui, não é?

A moça levantou sua cabeça brevemente em direção à Rosa e nada disse. Em seguida, baixou os olhos e começou a chorar.

Rosa, já acostumada com pessoas em crise, permaneceu em silêncio. Não queria ser muito invasiva e, além disso, havia aprendido a respeitar a dor alheia. Após os soluços cessarem, Rosa arriscou uma fala:

- Querida, eu não te conheço, mas vejo que está sofrendo.

A moça aquietou-se um pouco mais e parecia interessada em ouvir Rosa, que continuou:

- Eu já tive meus tropeços na vida e percebo que você teve uma desilusão amorosa.

A moça, ainda olhando para baixo, ficou numa postura receptiva, mas imóvel. Ela queria ouvir. Rosa tornou a se comunicar:

- Sabe o que aprendi com isso? Eu aprendi que não vale a pena alimentar a dor que passou!

A jovem, em seguida, soltou um lamento:

- Ah! Eu não merecia isso!

E logo voltou a chorar baixinho, o que ensejou à Rosa, voltar a falar:

- Minha querida, quando eu fui abandonada pelo meu noivo, depois de cinco anos de relacionamento, achei que minha vida tinha acabado. Primeiro, fiquei com raiva. Muita raiva! Depois, me entreguei ao desânimo...

Como a mocinha não reagia, Rosa prosseguiu:

- Olha, eu fiquei muito tempo assim, como você, chorando pelos cantos. Mas, um dia, minhas lágrimas secaram. Senti que estava num círculo vicioso. Esqueci o Marcos, meu noivo, e percebi que tinha outras pessoas que precisavam de mim.

A moça, agora, novamente havia parado de chorar. Dava sinais de que as palavras de sua interlocutora lhe faziam bem. Nesse contexto, Rosa tornou a se expressar:

- Muita gente não gosta de conselhos, mas vou te dar um. Pare de chorar e dê a volta por cima! Você tem valor e vai descobrir! Todo mundo tem um dom. Eu já descobri o meu. Você vai descobrir o seu. Não chore mais! Esqueça o que passou! Renove a sua vida...

A moça permaneceu calada, ainda olhando para baixo. Respirou profundamente, parecendo ter tomado uma decisão. Rosa, então, se despediu:

- Olha, não vou te importunar mais. Você deve estar precisando ficar sozinha e pensar melhor. Fique com Deus.

Tendo dito isso, Rosa se afastou. A jovem finalmente ergueu a cabeça e, embora tivesse tristeza no olhar, manteve um semblante mais calmo. Pediu a conta ao garçom, pois já não desejava se embriagar mais, e foi para a sua casa.

Num outro dia, Rosa retornou ao seu barzinho preferido. Entrou e sentou numa cadeira, junto a uma mesinha desocupada. Mais ao fundo, no estabelecimento ainda quase vazio, estava um casal de namorados. Rosa observou que as coisas não andavam bem entre eles, que, naquele momento, debatiam em tom elevado.

Na sequência, a situação piorou e os dois levantaram-se. O rapaz parecia querer ir embora e a moça tentava retê-lo, cobrando um posicionamento sobre algo. Não se entenderam e a jovem lhe deu um tapa no rosto. O rapaz a xingou e saiu apressadamente do local. A moça, trêmula de raiva, foi até a entrada do bar e ficou olhando o seu namorado se afastar. Rosa, que estava próxima, colocou:

- Querida, não é assim que se resolvem os problemas!

A moça, muito irritada, ignorou completamente Rosa e se evadiu do bar.

Rosa permaneceu sentada, meditando sobre a vida e suas encruzilhadas. Ficou pensando sobre decisões erradas, sobre atitudes impensadas e não percebeu a aproximação de uma senhora, ainda relativamente jovem. Quando Rosa voltou de seus pensamentos, a bela mulher já estava junto de sua mesa, dizendo:

- Posso me sentar aqui, moça?

Rosa, um tanto surpresa, aceitou:

- Sim, senhora!

A bela criatura feminina, que trajava longo vestido em tom predominantemente vermelho, com detalhes negros, assinalou:

- Tenho observado você, há muito tempo por aqui!

Rosa, não escondendo um certo espanto, colocou:

- Mas como, se nunca vi a senhora no bairro?

- Não só ando pelas redondezas, como sempre venho a este bar. (disse a dama de vermelho)

Como Rosa permanecesse quieta, a mulher deu continuidade:

- Retirei muita gente, que já ia se perdendo, neste boteco. E você, moça, é bem intencionada, mas precisa aprender muita coisa para lidar com o povo que vem desafogar as mágoas, neste lugar.

Rosa ficou magnetizada, prestando atenção às palavras da mulher, até que perguntou:

- Qual é o nome da senhora?

A dama de vermelho deu uma risada e respondeu:

- Meu nome é Maria e isto basta no momento, Rosa.

Rosa ficou boquiaberta em descobrir que aquela senhora sabia o seu nome. Mas, a mulher tornou a se comunicar:

- Rosa, você já sabe que o seu corpo morreu, não é mesmo?

A moça, um pouco abatida agora, explicou:

- Sim, senhora, lembro de ter acompanhado o enterro.

- Estou aqui para te fazer um convite! (disse a dama)

Rosa estava atônita, mas curiosa. E a mulher falou:

- Você quer ouvir a proposta?

- Sim, senhora. (respondeu Rosa)

- Olha, moça, se quiser vir comigo e conhecer minha mãe, vai aprender muitas coisas. Vai saber como ajudar melhor o povo de “carne e osso” que vive batendo a cabeça, perdido aqui no Plano Terra.

Devido ao silêncio de Rosa, a mulher se estendeu:

- Moça, seu corpo morreu num atropelamento, ali na esquina, já algum tempo. Você viu, depois, o enterro, mas estava apegada a este plano. Manteve seus pensamentos e sentimentos aqui e, assim, seu corpo espiritual ainda está denso. Por isso, você não me via, mesmo quando eu passava por ti. Agora, me tornei densa, para poder falar melhor contigo. Quer vir comigo, Rosa?

A jovem desencarnada sabia que a dama de vermelho tinha razão. Então, assinalou:

- Dona Maria, eu até aceito ir com a senhora. Percebo que minha velha mãe chora, quando me aproximo dela. Não quero mais ir até ela, mas não sei como sair daqui! Existe um outro lugar, um que seja melhor?

A mulher, rapidamente, esclareceu:

- Claro que existe, Rosa! Mas, para vir comigo, você vai precisar de uma ajuda da minha mãe espiritual.

- E onde está ela? (indagou a jovem)

A bela mulher, então, pegou numa mão de rosa e passou a dizer:

- Preste atenção! Preste bem atenção a uma brisa que vai começar a roçar pelo seu rosto!

Rosa, em breve, sentiu a sensação de algo sutil passar pela sua face. Era agradável. Em seguida, o deslocamento de ar se fortaleceu, tornando-se bem perceptível. A dama de vermelho voltou a falar:

- Rosa, se entregue a esta energia e venha conosco!

A brisa logo tornou-se vento e, acima das duas mulheres sentadas no bar, surgiu uma luz forte. O vento tornou-se ventania, enquanto Maria segurava com força a mão de Rosa, que, naquele instante, desfalecia. Maria amparou-a num abraço e ambas sumiram num rodadoiro, emoldurado por uma luz que vinha de cima.

No bar quase vazio, ninguém percebeu o que se passara “do outro lado”. Mas, a ventania tinha acabado de espalhar guardanapos e toalhas de papel em várias direções.

6- A ORIENTAÇÃO DE GUARACY

Pedro era um jovem de 21 anos, com grande interesse pela Espiritualidade no geral. Lia sobre religiões e filosofias diversas, desde os 15 anos de idade. Agora que atingira a maioridade, estava frequentando uma irmandade espiritualista, de caráter universalista, que agregava diversas sabedorias e práticas, que estimulavam o seu idealismo e curiosidade.

O templo possuía atividades de estudo e palestras que abrangiam o Espiritismo, o Hinduísmo, o Budismo, dentre outras correntes. Além disso, aconteciam regularmente sessões mediúnicas desobsessivas, com participação intensiva das entidades da Umbanda, bem como sessões voltadas à cura, com a presença constante de médicos desencarnados e guias de origem oriental.

Mas, Pedro não se contentava com as reuniões formais. Queria saber mais e deu um jeito de ir até ao templo em dias fechados ao atendimento público. Guaracy, percebendo o grande interesse do jovem, o recebia sempre que possível. Guaracy estava ligado à irmandade há muito tempo, possuindo largo saber, que seria útil a Pedro, que se candidatava a tornar-se um integrante do templo.

Em um dos encontros de ambos, após a manifestação do interesse de Pedro em colaborar com a casa espiritualista, a conversa foi direcionada para o tema “divergência de opiniões”. O jovem indagou:

- Porque há tanta discórdia entre as pessoas?

Guaracy não demorou a responder:

- Meu caro, a discórdia está dentro de cada ser humano. Ela simplesmente se projeta através de palavras e ações. O resultado não poderia ser diferente no mundo externo.

Pedro, que estava um tanto angustiado, resolveu ser bem claro no que o afligia:

- Ultimamente meu pai e meu tio andam brigando muito. Eles sempre foram irmãos tão unidos...

Como Guaracy permaneceu calado, o rapaz sentiu que tinha espaço para falar mais:

- O dia a dia deles é discutindo política. Não gosto muito desse assunto, mas sei que um é “de direita” e o outro “de esquerda”. Parece que passaram a se odiar. Qual dos dois estaria certo?

O orientador, com a tranquilidade que o caracterizava, colocou:

- Meu jovem, olhe agora para o próprio corpo.

Pedro, surpreso com o pedido, olhou brevemente para seu tórax, barriga, pernas e braços. Em seguida, voltou a mirar o rosto de Guaracy, que tornou a se comunicar:

- Pedro, você com certeza viu que possui um braço direito e um esquerdo. Também tem uma perna direita e uma esquerda.

O rapaz, confuso, ficou boquiaberto. Guaracy voltou a manifestar-se:

- Você, portanto, tem um corpo completo. Ele funciona melhor assim. Seria bem mais difícil ter saúde e equilíbrio com um só pulmão ou apenas um rim, não é mesmo? Seu cérebro tem dois hemisférios...

Pedro, então, abriu um sorriso. Parecia entender aonde o sábio homem queria chegar. Sentiu-se animado e falou:

- Seu Guaracy, então é por isso que na Umbanda existem os trabalhos “de direita” e “de esquerda”.

- Muito bem, filho, vejo que tem estudado as apostilas do templo. O equilíbrio vem da harmonização do que aparentemente são ditos “opostos”. Você lembra da palestra sobre Taoísmo? Recorda o Yin e o Yang? O “Todo” tudo abrange e assimila. Mas, voltemos à Umbanda, que toca fundo ao seu coração. Lembra-se de um dos principais símbolos de Xangô?

O jovem logo disparou:

- O machado!

- Sim, meu querido, mas o oxê de Xangô não é um machado comum. Ele tem duas lâminas, que cortam em direções diferentes. (disse Guaracy)

Pedro, ansioso por demonstrar seu entendimento, assinalou:

- As duas lâminas são como o Yin e o Yang!

O orientador voltou a tecer explicações:

- Esta é uma forma de se interpretar, meu caro, mas não é bem isso que eu queria demonstrar. O que preciso lhe dizer é que o machado de Xangô é verdadeiramente imparcial. Não é como a justiça terrena, ainda bastante incompleta e, sobretudo, tão sujeita a decisões baseadas em influências e interesses pessoais.

O rapaz permaneceu em expectativa e Guaracy continuou:

- O machado de Xangô é manuseado pelos “Senhores do Carma”. Estes são seres muito evoluídos, que avaliam com perfeição toda a intenção por trás de cada ação. Não há falhas devido a sentimentos dúbios, nem a interesses particulares. Os “Senhores do Carma” estão acima disso e cortam à direita e à esquerda com precisão, permitindo que as criaturas humanas tenham seus aprendizados em busca do equilíbrio.

A cabeça do jovem fervilhava. Ele queria fazer mais perguntas, mas não conseguia concatenar tantos pensamentos. Guaracy, notando, colocou:

- Acalme sua mente, para absorver um pouco mais o que vou transmitir.

O homem parecia ver perfeitamente o mundo interno de Pedro e, na sequência, emitiu um mantra, cujo som acalmou o rapaz que, agora, percebia estar diante de uma força maior. Guaracy, em seguida, tornou a se comunicar:

- Filho, captei seus pensamentos e notei que quer saber algo a mais sobre as ideologias que movem o ser humano na Terra. Quer entender porque as ditas correntes “de direita” e “de esquerda” brigam entre si, ao invés de se complementarem, não é verdade?

Pedro balançou a cabeça positivamente, aguardando a explanação daquele homem, cujos traços faciais tinham fortes características indígenas. Guaracy prosseguiu:

- Meu jovem, ideologias humanas são como aqueles que as criaram. Trazem um misto de sombra e luz. São como Yin e Yang, que precisam trabalhar juntos para promover a harmonia. O excesso de qualquer um dos lados é desequilíbrio, traduzindo-se em sofrimento, dor e doença. O mundo está doente. A cada ciclo há descompensações, mas, neste período, ocorre desarmonia mais profunda. Não se

deixe levar por este fluxo! Seja um elemento de pacificação! Mas, para isso, precisa compreender...

Pedro manteve-se concentrado, para não perder qualquer aspecto da explicação. Logo, Guaracy retomou o seu discurso:

- Filho, entenda que se as ideologias são falhas, como foram os seus criadores, mais desequilibrados ainda são aqueles que as tomam como verdade absoluta. Guarde isso em sua mente: a única verdade absoluta é o “Todo” que tudo abrange e assimila; é o que contém as dualidades, o Yin e o Yang, em perfeito funcionamento e harmonia.

O orientador fez um intervalo de silêncio, para Pedro digerir o assunto. Após alguns momentos, o candidato a tarefeiro espiritual, mesmo sentindo-se pequeno, arriscou uma fala:

- Acho que entendi o caminho a seguir...

Guaracy sorriu, satisfeito, e salientou:

- Meu querido, nós vamos lhe ajudar a não esquecer esta conversa.

Sua frase parecia enigmática, mas não era. Atrás de Pedro, surgiu um mentor espiritual que, na realidade, sempre esteve presente durante o diálogo. Agora, ele vibrava com maior intensidade sobre o campo mental do jovem, de modo que este rememorasse tudo. Então, Guaracy disse:

- Pedro, você falou que entendeu o caminho a seguir. Ouça minhas últimas palavras de hoje! Volte para o seu corpo, que dorme em seu quarto, no lar de seus pais, e guarde um ensinamento de Buda: o caminho mais correto é o “caminho do meio”.

Tendo dito isso, Guaracy foi ficando luminoso. Sua forma indígena se dissolveu e, agora, diante de Pedro, surgia um monge budista. Pedro, de olhos arregalados, guardou muito bem esta última imagem em sua memória. Logo despertava em seu leito, no Plano Terreno, com a emoção mais forte que havia sentido, até então, na sua vida.

7- O ENTERRO

Osório estava presente, mais uma vez, a um funeral. Acompanhava, com atenção minuciosa, as reações das pessoas, fossem amigas ou parentes do recém-desencarnado. Este era um hábito que aquele homem de meia-idade adquirira nos últimos tempos. A morte e todo o contexto associado ao fato haviam se tornado uma espécie de material de estudo, para aquele psicólogo.

Naquele dia, em especial, Osório estava muito interessado no que acontecia, pois era o enterro de um médico famoso, envolvendo muita gente ali no cemitério.

O médico, Doutor Junqueira, havia sido um ótimo profissional, mas, além disso, foi um ser humano de grande valor, tendo realizado muitas consultas e tratamentos de maneira inteiramente gratuita, aos mais pobres e até indigentes.

Osório o havia conhecido pessoalmente e o admirava. Por isso, naquele dia, embora mantivesse seu olhar analítico sobre os fatos, estava um pouco emocionado. Ao seu lado, agora, surgia uma pessoa que, no passado, fora beneficiada pelo médico. O homem desconhecido, dirigindo-se a uma senhora, colocou:

- Doutor Junqueira foi quase um santo para mim! Se não fosse por ele, eu teria perdido esta perna aqui! Não estaria de pé!

A mulher próxima, sua interlocutora, reagiu:

- Pois é, devo muito a ele também. Por isso, estou aqui para lhe prestar esta última homenagem. Tenho certeza que ele será recebido, no céu, pelos anjos do Senhor!

Osório, após ouvir o breve diálogo, pôs-se a pensar no que seria o céu e como seriam seus habitantes. A sua formação, que ele mesmo direcionou ao campo materialista, o fazia duvidar de muitas crenças e religiões. Talvez, pensou, isso fosse um motivo para ele próprio, ultimamente, estar se sentindo tão atraído por eventos em cemitérios e capelas, onde se "velavam os mortos". O que haveria depois? A princípio, um "nada", matutava o psicólogo... Mas, e se ele estivesse errado? E se tivesse alimentado sua mente com ideias distorcidas? Afinal de contas, havia outras

correntes de pensamento que apontavam diferentes caminhos... E essas filosofias, das quais se lembrava naquele instante, nem todas eram de fundo religioso.

No entanto, as elucubrações de Osório foram repentinamente interrompidas, pois alguém agora bradava:

- Uma salva de palmas para o Doutor Junqueira, o médico dos pobres!

Logo surgiram as palmas, intensas e longas. Naquele momento, Osório percebia como o lugar estava cheio. Antes, perdido em seus pensamentos, não notara que havia se formado uma verdadeira multidão no cemitério. Admirou-se, em quanto era querido, o Doutor Junqueira.

Não demorou muito e o caixão começou a ser conduzido, embora muito lentamente, entre as pessoas que se aglomeravam. Osório se sentiu compelido a acompanhar o féretro até o final. Havia uma estranha emoção no ar, uma espécie de eletricidade ou magnetismo que unia as pessoas, durante aquele evento, que se transformara em algo de grandes proporções.

Nesse contexto, Osório não se espantou quando surgiram muitos homens trajados em vestes negras, fazendo um tipo de cerco ao núcleo central do cortejo, que era o caixão com os restos mortais do médico. Osório entendeu que aqueles homens deveriam ser algo como seguranças, ou até mesmo algum batalhão especial da polícia, pois todos tinham grafados no peito a imagem de uma caveira.

A lenta caminhada prosseguia, em linha reta. Ao final daquela longa via, dentro do campo-santo, estava o destino do corpo do Doutor Junqueira, um túmulo aberto na base de um pequeno morro. O curioso é que, naquela pequena elevação, já havia também uma aglomeração de pessoas. Aguardavam o término do cerimonial fúnebre e, em volta delas, estavam indivíduos com roupas negras, à semelhança daqueles que pareciam proteger o caixão, durante o seu traslado.

Naquela jornada, Osório voltava a pensar na vida e na morte. Raciocinava que, de certa forma, seria um desperdício da natureza surgirem e se desenvolverem homens tão inteligentes e prestativos como o Doutor Junqueira, para, depois da destruição de seu corpo, nada permanecer de sua inteligência e personalidade.

Aquilo não fazia muito sentido para ele, naquele momento, quando diversas pessoas passaram a entoar um cântico religioso, distraíndo-o de suas reflexões.

Depois de alguns minutos, o caixão chegou à beira do túmulo. Osório se esforçava para se aproximar, mas não era possível. A concentração de indivíduos era muito grande. De onde Osório estava, no entanto, era fácil observar o suave morro um pouco além da sepultura, onde permaneciam pessoas aguardando o final do evento. Para grande surpresa de Osório, pôde enxergar lá o Doutor Junqueira de pé. Estava amparado por dois homens de branco. No entanto, havia outras pessoas, em vestes claras de vários matizes e, mais externamente, permaneciam alguns homens de preto, praticamente fechando um círculo de proteção.

O psicólogo duvidava do que estava vendo. Esfregou os olhos seguidamente e já acreditava que tinha alucinações. Mas, foi interrompido por uma voz a sua direita:

- Sobrinho, quem está lá é o Junqueira mesmo!

Osório, deslocando sua atenção para quem lhe falava, notou a presença de um velho familiar e disse:

- Tio João!? É o senhor mesmo?

O idoso respondeu:

- Sim, meu querido, sempre estive por perto...

Osório estava estupefato, pois seu tio havia morrido há muitos anos. O “tio João”, que havia sido médico na Terra, fora a pessoa da família que mais estimulara Osório a seguir uma carreira na área da saúde.

Como Osório permanecesse emocionado, espantado e um tanto confuso, o velho tio tornou a se comunicar:

- Olhe para o morro, Osório! A vida sempre continua. Lá está o Junqueira, meu irmão de profissão, retornando à Pátria Espiritual, com grande mérito.

O psicólogo, como um autômato, obedeceu ao tio que, agora, apoiava uma mão em um de seus ombros. Ao avistar o morro, Osório notou que o Dr. Junqueira agora flutuava, amparado por diversos espíritos afins. Uns deles eram parentes desencarnados, outros eram como orientadores e alguns eram desencarnados que,

num passado um pouco mais distante, haviam sido beneficiados pelo próprio médico. Estes últimos estavam ali em agradecimento, ajudando a formar um elo de proteção que, mais externamente, era fechado pelos homens de preto.

Quando o caixão baixou ao túmulo, o conjunto de espíritos do morro subiu e desapareceu do Plano Terreno. Só ficaram no morro, os seres que tinham a caveira no peito. Estes passaram a arrebanhar algumas pessoas que já não tinham o corpo material, mas estavam presentes ao enterro.

Em seguida, o “tio João” voltou a falar:

- Osório, meu querido, já faz três anos que você não pertence mais ao Mundo Físico. Venha comigo, meu filho!

O psicólogo estava entregue às evidências que não conseguia enxergar antes, nos outros enterros que vinha acompanhando. Abaixou a cabeça e chorou nos ombros do tio, que, aproveitando o momento, fez um sinal. Logo se aproximaram dois homens trajados de preto, que ajudaram o “tio João” a retirar seu precioso sobrinho do campo-santo.

8- O INTRUSO

Tereza era uma senhora que já passava dos 60 anos de idade. Era viúva e vivia sozinha em sua modesta casa, em bairro de um subúrbio carioca. Sempre havia sido espírita, pois preferira acompanhar a religião dos seus falecidos pais. Estava um tanto afastada das palestras do centro e acreditava estar precisando de alguns passes, pois seu sono à noite não vinha sendo bom. Além disso, com alguma frequência, sonhava que tinha alguém dormindo do lado dela, na própria cama. E não era o falecido marido! Quem aparecia, de vez em quando, era um homem mais novo, que roncava muito e a incomodava demais...

Naquela manhã, Tereza estava muito aborrecida, pois havia acontecido de novo. Resolveu ir desabafar com sua única amiga, uma vizinha bem mais idosa que ela:

- Ernestina, o intruso apareceu esta madrugada mais uma vez! Não sei o que faço!

A velha Ernestina, como em outras oportunidades, recomendou:

- Isso é caso de alma perdida, Tereza! Numa segunda-feira, vai no cruzeiro da Igreja de Nossa Senhora do Desterro, acende umas velas e pede pra encaminhar.

- Acho que vou ter que fazer isso! Mas, não estou acostumada. Você sabe. Sou espírita e não tenho o hábito de acender velas. E não gosto muito de igreja...

A vizinha, pacientemente, colocou:

- Ô Tereza, o que não dá é viver nessa aflição! Mas, você poderia voltar a frequentar seu centro. Pede ajuda lá! Eu já estou velha e não consigo andar direito. Se eu pudesse, ia contigo na igreja, ou te levava lá no meu antigo terreiro, para algum preto-velho de rezar. Mas, minhas pernas já não permitem andar muito...

Tereza, no fundo, era um pouco avessa à Umbanda. Tinha mais afinidade com a Doutrina de Kardec. Contudo, não retrucou Ernestina, que era a única pessoa com quem interagira ultimamente. Assim, agradeceu e disse que ia pensar no que fazer.

Na noite seguinte, Tereza resolveu orar bastante antes de ir dormir. Em meio às orações, pegou no sono. Seu repouso ia muito bem, mas, quase na alvorada,

começou a ouvir os roncos já familiares. Ela gelou de medo! Havia despertado e ainda ouvia alguém roncando. Das outras vezes, apenas sonhava que via o homem dormindo em sua cama. Entretanto, naquela madrugada, ela despertara e o ronco continuava. Estava com muito medo de se virar no leito e ver, logo atrás de si, um fantasma. Tereza, então, começou a rezar em voz alta. Recitava todas as orações decoradas, que havia aprendido desde tenra infância, e até mesmo tradicionais rezas católicas. Então, ouviu uma voz masculina:

- Quem está aí?

A mulher, saindo do seu transe de medo, que já quase chegava ao terror, resolveu levantar-se do leito. Ela havia se irritado com o abuso do intruso e falou:

- Eu é que pergunto! O que é que o senhor está fazendo em minha casa? Quem te deu permissão de dormir na minha cama? Saia já daqui, seu encosto!

A cena era no mínimo curiosa! Tereza estava agora de pé e apontava para a porta do quarto, indicando um caminho de saída para o intruso atrevido, um homem aparentando cerca de 40 anos de idade, e que mantinha os olhos arregalados para aquela senhora tão aborrecida. Ele, então, balbuciou:

- Mas, esta casa é minha...

A mulher, ouvindo aquela impertinência, retrucou:

- Você é muito abusado! Um cara de pau que...

Contudo, ela não conseguiu completar a frase. Havia se alterado tanto que se sentira mal e, por isso, desmaiou, ficando estirada no chão.

Um tempo depois, Tereza recuperou os seus sentidos. Levantou-se com alguma dificuldade e lembrou a breve discussão com o fantasma. Olhou no entorno e viu que o intruso não estava mais ali. Tomou um copo d'água e foi procurar Ernestina para desabafar, pois, afinal de contas, não havia sido um sonho, como outras tantas vezes. Ela precisava contar para a amiga, que tinha ficado face a face com o espírito zombeteiro, materializado em sua frente, deitado em sua cama.

- Ernestina! Ô Ernestina! Preciso te contar uma coisa!

A vizinha não demorou a aparecer numa janela de seu casebre, que ficava no fundo do quintal da casa de Tereza, logo após um muro baixo. E disse:

- O que aconteceu, amiga?

Logo veio a resposta:

- Eu vi o encosto nesta madrugada! Falei com ele e o expulsei! Ele sumiu, mas não sei se vai voltar. Eu até passei mal...

- Tenha calma! Conte-me tudo, devagar. (disse a velha vizinha)

Elas confabularam longamente e Tereza detalhou todos os pormenores. Ao final da conversa, Ernestina propôs:

- Minha amiga, eu tenho um livro de orações antigo. Nele tem uma reza forte, que só faço em situações de muita necessidade. Se quiser, eu vou aí na sua casa às 18:00 horas, para fazermos esta oração juntas e pedirmos aos espíritos de luz para levar esta alma.

- Pois eu quero! Já está na hora de acabar com essa situação e recuperar o meu precioso sossego. (respondeu Tereza)

Após algumas horas, dona Ernestina apareceu pontualmente na porta da vizinha, com um livro surrado em mãos. Sentaram-se junto a uma mesinha da sala de Tereza e a velha amiga explicou:

- Nesse livro, tem uma oração às Santas Almas Benditas. Vamos pedir a elas para levarem daqui o que está te perturbando.

- Vamos sim! (disse Tereza)

Em seguida, Ernestina disse que ia ler cada frase da reza e daria uma pausa para a amiga repetir as mesmas palavras, até que toda a oração tivesse terminado. Tereza entendeu e concordou.

Assim fizeram, com forte concentração, o pedido às Santas Almas Benditas. Ao final da longa oração, sentiram-se bem. A atmosfera do ambiente parecia estar mais leve. Em seguida, ouviram alguém bater à porta da residência. Tereza, surpresa com o fato, colocou:

- Estranho! Há muito tempo ninguém vem a minha casa! Vou ver quem bate... Quem é?

Logo surgiu uma voz familiar, por trás da porta:

- Sou eu, “Tezinha”, não vai abrir?

Tereza ficou estática, por um instante. Ela conhecia aquela voz e o seu antigo apelido. Logo a seguir, girou a maçaneta com ansiedade. E lá estava, de pé, a sua frente, o seu falecido marido.

A mulher não sabia mais como agir. Lágrimas desceram do seu rosto, silenciosamente. Teófilo deu dois passos para dentro do cômodo e se abraçaram longamente. Atrás do marido, havia outros espíritos, que adentraram respeitosamente a sala. Cinco desses trabalhadores espirituais fizeram um círculo em volta do casal, ainda em abraço forte. Emitiram uma luz em tom dourado, promovendo um transporte deles próprios e mais o casal, para um local do Plano Astral com vibração mais sutil.

A porta da casa de Tereza continuava aberta e, por ela, agora passava um senhor negro idoso, que caminhava com o apoio de uma bengala. Atrás dele, vinham dois homens corpulentos. Logo, o velho senhor indagou, dirigindo-se à Ernestina:

- Cadê a minha filha teimosa? Você vai querer ficar sozinha por aqui?

Ernestina, naquele momento, deixou cair seu livro de orações. Em seguida, perguntou:

- Pai Tomé, é o senhor mesmo?

A resposta não demorou:

- Sou eu mesmo, filha! Você estava acostumada, lá no terreiro, a conversar comigo através do Roberto, meu médium, que já fez a passagem, como você.

Ernestina pôs-se a chorar, porque sabia que conversava com o seu conselheiro de tantos anos, que sempre lhe puxava a orelha, chamando-a de “filha teimosa”. Naquele instante, entendia que havia desencarnado e não percebera. Tanto ela, como sua vizinha e amiga Tereza, haviam perdido o corpo físico há algum tempo, mas

estavam ainda apegadas ao ambiente terreno e a alguns velhos hábitos. Contudo, suas reflexões foram interrompidas pelo preto-velho:

- Filha, venha conosco, para poder repousar e renovar as forças. Hoje, você demonstrou que pode trabalhar na Linha das Almas. A força de sua oração ajudou a retirar sua amiga daqui. Você não vai teimar em ficar, não é?

Ernestina não conseguia falar. Apenas chorava. Então, Pai Tomé avançou devagarinho e disse:

- Se apoia aqui na minha bengala, filha.

A velha Ernestina colocou sua mão sobre a mão da entidade. Os dois guardiões que haviam adentrado o recinto ajudaram a fechar um campo de proteção. Em breves instantes, não havia mais espíritos no local.

Mais tarde, chegava em sua casa o dono atual do imóvel. Ele não teve mais contato com Tereza, que, até então, acreditava ainda viver ali com o corpo material. A partir daquele dia, ele pôde dormir bem melhor...

9- OS QUATRO AMIGOS

Roberto, Nélio, Biriba e Pimpão eram amigos de longa data. Desde a adolescência, se encontravam com frequência de, pelo menos, uma vez por semana. Tinham fortes laços de afinidade e, quase sempre, os encontros eram regados à cerveja ou outras bebidas alcoólicas.

Eles tinham idades próximas. Roberto e Nélio haviam se formado em administração de empresas. Biriba e Pimpão estudaram menos, chegando ao chamado segundo grau. Biriba era técnico em eletrônica e Pimpão era técnico em contabilidade. No início da amizade, as conversas giravam principalmente em torno de futebol e namoradas. Com o tempo, os assuntos foram se diversificando...

Quando todos estavam com cerca de 25 anos de idade, houve um afastamento de Biriba e Pimpão. O primeiro foi morar e trabalhar em outra cidade, enquanto que o segundo adoecera, tendo que se ausentar um tempo dos encontros em bares e restaurantes. Entretanto, alguns meses depois, os obstáculos desapareceram. Na primeira oportunidade, quando houve o reencontro, eles brindaram com cerveja, em grande estardalhaço:

- Amigos para sempre!

Os quatro amigos tornaram a se encontrar regularmente, mas, quando atingiram algo em torno de 28 anos, aconteceu um novo afastamento, que durou alguns meses, porque a vida sempre traz surpresas ou imprevistos. Contudo, depois deste período, voltaram às reuniões de boteco. Numa delas, Roberto falou:

- Um brinde à amizade, que nada pode separar!

E todos brindaram, para, logo em seguida, Nélio dizer:

- Amigos valem até mais que irmãos de sangue!

- É verdade! (contribuiu Roberto)

Mas, Nélio retomou a palavra. Estava emocionado e queria expressar o que sentia:

- Eu tenho dois irmãos. Nunca me dei muito bem com eles. Nem parece que nascemos da mesma mãe! Quase não os vejo...

O silêncio tomou conta daquela mesa de bar. Nélio queria desabafar e todos respeitaram, dando espaço para o companheiro falar. Ele continuou:

-Eu não esqueço! Quando eu tinha 15 anos, lá naquela briga na escola, quem me socorreu foi o Biriba! Se não fosse ele, eu ia apanhar muito...

Os amigos mantiveram-se quietos, inclusive Biriba, que mantinha um olhar distante, provavelmente recordando aquela confusão na escola. Nélio prosseguiu:

-E naquele acidente com a furadeira em casa? Quem me levou no hospital?

O próprio Nélio respondeu:

- Foi você, Beto! Se não fosse você, podia perder esse dedo aqui, que está me ajudando a segurar o copo e a tomar a minha cervejinha...

Roberto retrucou:

- Pô, cara! Foi minha obrigação. Eu estava lá contigo...

Nélio ignorou o amigo e continuou:

- Não posso esquecer aquele dia em que o meu carro encencou, lá na serra! Chovia para caramba, mas o Pimpão foi lá me socorrer. Se não fosse ele, não sei o que teria acontecido! Aliás, eu sei! Eu ia morrer, porque depois que o Pimpão me tirou de lá, meu carro quebrado ficou debaixo das pedras, naquele deslizamento...

Nélio, que estava já meio embriagado, começou a chorar. Pimpão também se emocionou, mas foi Roberto que fez uma intervenção:

- Então, vamos brindar! Aos amigos eternos!

Logo, todos ergueram os copos e continuaram a beber. Naquele dia, eles estavam ultrapassando todos os limites... Depois de um certo tempo, resolveram ir embora. Todos se aboletaram no carro de Roberto, que era o motorista da vez, embora também tivesse bebido além da conta.

O carro ganhou a estrada e o falatório de Nélio continuava. Isso não era bom, porque o motorista a todo momento se distraía, em relação ao trânsito. Então, o acidente veio numa curva. O veículo derrapou e virou. Após o grande estrondo, restaram o silêncio e dois homens desmaiados. Por sorte, ou Providência Divina, alguém viu o fato e acionou rapidamente o resgate, que não demorou a chegar.

Em um grande hospital, poucas horas depois, era possível ver Nélio e Roberto em camas relativamente próximas. Nélio estava mais machucado. Havia perdido mais sangue e tinha uma perna fraturada. Roberto tinha cortes no rosto e na cabeça, que estava enfaixada. Ambos estavam sedados. Nélio não estava sozinho, pois de um lado mantinha-se Pimpão, de pé, que chorava. No outro lado, muito trêmulo e agitado, estava Biriba.

Em dado momento, Roberto adquiriu lucidez e pôs-se de pé. Passou a ver Nélio acamado e ladeado pelos dois amigos. Ficou sem entender bem o que ocorria, mas logo surgiu uma voz, a sua esquerda, que dizia:

- O carro virou e o resultado é isso aí que você está vendo!

Roberto, então, lembrou que dirigia após o encontro no bar. Entendeu que houve um acidente, mas ficou tomado, naquele instante, por um grande espanto e perguntou:

- Como isso é possível? Biriba e Pimpão estão ali! Eles morreram há seis meses atrás!

Mas, Roberto teve a sua atenção desviada por uma forte pressão sobre o seu braço esquerdo. Alguém o segurava com força. Roberto se virou e viu um homem alto, que falou:

- Eles morreram pela bebida, que você tanto gosta, mas o espírito não morre! Por isso, eles estão ali!

Roberto ficou sem reação diante daquele homem desconhecido, mas, de alguma forma, familiar. A seguir, indagou:

- E o Nélio? É ele mesmo que está naquela cama? Estou tendo um pesadelo?

Logo vieram as respostas:

- Sim, é o seu amigo, ainda vivo na matéria, mas em estado pior que o seu. Mas, veja ali!

Ao dizer isso, o homenzarrão apontou para o leito onde dormia o corpo de Roberto. Este ficou bastante tenso, acreditando que tivesse morrido, pois via seu próprio corpo naquela cama de hospital. Porém, foi tolhido por novo aperto em seu braço esquerdo e pelas palavras do desconhecido, que foram as seguintes:

- Presta atenção! Você não está morto! Seu corpo dorme depois do acidente. Estou aqui para te ajudar.

Roberto, ainda nervoso, perguntou:

- O senhor é médico?

O homem não tardou na resposta, após abrir um largo sorriso, onde se via um dente de ouro:

- Olha bem pra mim, moço! Veja se minhas roupas são de médico.

Roberto, meio hipnotizado, olhou o seu interlocutor de cima a baixo. Ele tinha um chapéu preto, camisa de mangas longas num tom vinho-escuro e usava calças negras. Sobre a camisa, era possível ver um estranho colete negro, semiaberto. O homem, que calçava botas escuras com detalhes metálicos prateados, tinha pele morena e uma barba preta muito bem modelada.

Logo o homem voltou a falar com Roberto:

- Seu espírito está fora do corpo, mas vai voltar daqui há pouco. Você vai se recuperar bem do acidente. Só preciso falar contigo algumas coisas.

O acidentado, então, aguardou mais sossegado. Queria ouvir o que o desconhecido iria dizer. Havia algo nele que lhe inspirava confiança. O homem voltou a se comunicar:

- Veja bem, a bebida não é bom caminho. Ali tem dois amigos teus que morreram. Agora, são almas perdidas. Eles vivem seguindo aquele que está na cama. Quando você vai pro boteco beber, com aquele ali, os outros dois vão beber também. Está na hora de você deixar isso, senão você vai estragar essa tua vida!

Roberto observava aos espíritos de Biriba e Pimpão, em volta de Nélio, desacordado. Agora, ele sentia uma mistura de tristeza e apreensão pelo futuro.

- Você está me entendendo? (perguntou, com firmeza redobrada, o barbado do dente de ouro)

- Sim! Sim! (manifestou-se Roberto, saindo de seu estado passivo)

O homem sorria novamente, mas voltou logo a falar:

- Eu vou te ajudar a largar a bebida! Você quer?

- Sim senhor! (rebateu Roberto)
- Vai querer ter mulher e filhos? (indagou o homem)
- Sim, não quero virar uma alma perdida! (afirmou Roberto, bem convicto)

Na sequência, o homem de estatura elevada parecia estar satisfeito. Ainda segurando o braço esquerdo de Roberto, colocou:

- Então, você vai ter uma grande mudança na sua vida. Estarei sempre bem próximo de você, embora não estivesse longe antes. Acompanho teus passos há muito tempo...

Roberto, naquele instante, sentiu algo estranho. Não lembrava do homem do dente de ouro, mas, ao mesmo tempo, era como se já o conhecesse de algum lugar. Tinha algo de familiar nele! Com esta sensação, disparou duas perguntas:

- Quem é o senhor? Pode me dizer o seu nome?

O espírito-guardião, então, assinalou:

- Numa outra existência, na Terra, estivemos juntos. Mas, por ora, só posso lhe dizer que eu nasci na rua, me criei na rua e nela, um dia, morri. Eu conheço as encruzilhadas da vida e você chegou numa encruzilhada. E já que você aceitou o meu conselho, vou trancar o caminho da bebida que você estava trilhando, porque eu abro e fecho os caminhos!

Tendo dito isso, a entidade deu uma longa gargalhada. Roberto, logo em seguida, abriu os olhos em seu leito de hospital, ciente de tudo o que ocorreu no Plano Astral.

10- O MENDIGO

O homem dormia no chão, como todos os outros dias, nos últimos anos. Às vezes, aproveitava uma marquise, mas, em outras oportunidades, ficava ao total relento. Ele não se considerava como mendigo, porque ganhava a vida coletando materiais e vendendo para a reciclagem. Pelas suas mãos passavam latas, papelão, plásticos e metais diversos que carregava num carrinho de madeira, construído por ele mesmo. No entanto, como era confundido como se fosse um mendigo comum, volta e meia alguém lhe dava uns trocados sem que pedisse, o que não era negado por ele, já que sua vida era difícil.

Agora, o homem acabava de despertar, devido a um incômodo das moscas sobre algumas feridas, que haviam surgido recentemente, principalmente em seus braços e pernas. Em seguida, levantou preocupado em comer algo. Examinou os bolsos, encontrando algumas moedas oriundas da venda de papelão, no dia anterior. Foi até a esquina, onde havia uma padaria. Comprou pão e um litro de leite. Aquela seria a sua refeição até a noite, quando tentaria obter algum alimento, após a venda de mais materiais recicláveis.

O seu dia transcorreu sem maiores novidades. Vasculhou lixeiras e percorreu ruas, tendo algum sucesso em encontrar o seu sustento. No entanto, no final da tarde, sentiu um mal-estar. Comeu apenas um pão doce, comprado na mesma padaria de costume, tomou outro leite e buscou um lugar para dormir, naquele bairro preferido para levar a sua vida. Deitou-se com uma forte dor de cabeça, mas não demorou a pegar no sono.

Na nova manhã, a dor de cabeça não existia mais. Restava, entretanto, a coceira das feridas. Sentou-se sobre um cobertor, que era uma improvisação de uma cama e raciocinou que precisava de um banho, para lavar aqueles ferimentos, que surgiram espontaneamente. Para a sua surpresa, ouviu uma voz à esquerda, que dizia: - Eu sei onde você pode lavar estas feridas e ficar curado.

O morador de rua se virou e viu quem lhe dava a dica. Era um homem alto, bem arrumado, que trajava um fino terno negro. Neste contexto, o doente indagou-se silenciosamente porque aquele homem se preocuparia com ele. Mas, seu interlocutor voltou a falar:

- Se você quiser, levo você lá. É uma fonte d'água que cura mazelas e feridas.

Então, o reciclador de materiais respondeu humildemente, mas um tanto incrédulo, quanto àquela ajuda inesperada:

- Se não for incômodo para o senhor, eu quero ir sim. Não tomo banho há muito tempo. É longe?

Logo veio a resposta:

- Não, apenas teremos uma boa caminhada a pé. A fonte fica próxima de onde eu trabalho.

Assim, o mendigo ocasional tratou de se levantar, tão rapidamente quanto o possível. Juntou seus poucos pertences e colocou no carrinho de madeira, seguindo o homem de terno preto.

Depois de alguns minutos caminhando, o guia daquela curta viagem dobrou uma esquina, atingindo uma grande encruzilhada. Ele parou, sendo imitado pelo coletor de papelão. Então, o homem de preto tomou o caminho da esquerda, o que deixou o catador um tanto cismado, mas preferindo ficar calado. Percorreram mais cerca de 500 metros e pararam novamente, o que deu a oportunidade para uma pergunta do morador de rua:

- É aqui que o senhor trabalha?

Após um breve intervalo, veio o esclarecimento:

- Sim, eu trabalho no cemitério.

O indigente tornou a indagar, em tom quase de brincadeira:

- Mas, o senhor não é coveiro, não é mesmo?

O homem respondeu:

- Não, eu trabalho na administração. Está com medo de entrar no cemitério?

- Não senhor! A morte, para mim, poderia até ser boa...

A seguir, se fez um silêncio entre ambos, que estavam parados diante do grande portão de ferro, do cemitério municipal. Depois de um tempo, o homem de terno preto colocou:

- Lá na parte de trás, perto do último cruzeiro, tem um pequeno morro. Se você quiser se curar de verdade, vai ter que subir um pouco até uma pedra redonda. Ali mina a água que cura. Quer vir mesmo comigo?

O reciclador não demorou a se comunicar:

- Quero sim senhor!

Após a resposta, vindo do interior do cemitério, surgiu um outro homem de terno escuro, que parou na entrada do local. O condutor do morador de rua fez um sinal, que foi correspondido pelo indivíduo que acabara de aparecer. Em seguida, os dois adentraram o campo-santo. Depois de um minuto, já dentro do local, o reciclador arriscou uma pergunta:

- Este moço aí que apareceu é seu colega de trabalho?

O homem de terno preto, em seguida, comentou:

- Sim, ele também trabalha na administração.

Na sequência, o diálogo foi interrompido. Naquele momento, como não havia qualquer enterro em andamento, só se ouvia o barulho das rodas de rolimã, do carrinho puxado pelo indigente. As capelas estavam vazias e só havia algum movimento num pequeno prédio administrativo do cemitério. O mendigo ocasional, então, pensou que era ali que trabalhava o homem que o conduzia. Ficou feliz com a bondade em lhe levar para tomar um banho.

Depois de alguns minutos, chegaram a uma grande cruz no final do campo-santo. De fato, atrás do cruzeiro havia um morro com uma pedra mais acima, como descrito pelo homem de preto. Este voltou a falar:

- Vá lá na pedra! Deixe seu carrinho aqui, que eu tomo conta. Não precisa ter pressa.

O morador de rua agradeceu e iniciou a sua subida, de início bem fácil. Entretanto, conforme subia, sentia alguma dificuldade. O sol já estava alto no céu. Parecia ser quase meio-dia e o calor era intenso. O pobre homem, em poucos

momentos, suave abundantemente. Olhou para trás, pensando até em desistir, mas viu o homem de preto sentado numa catacumba, mirando-o com um olhar fixo. Teve vergonha de voltar e se esforçou para chegar até a pedra, avançando mais alguns metros acima. Então, parou para um novo breve descanso, escorando-se num tronco de árvore. Faltava pouco e já podia ouvir o barulho de uma água que corria, entendendo que era a fonte.

Resolveu olhar para baixo, mais uma vez, e viu que o seu condutor agora tinha a companhia de uma bela mulher. Ela estava sentada do lado dele, sobre a catacumba. Sua pele, muito clara, reluzia ao sol, fazendo um contraste hipnotizante com o seu longo vestido de veludo negro. O adoentado ficou um tempo estático, observando as duas figuras lá embaixo, próximas ao seu carrinho de madeira. Mas, o seu estado de transe foi quebrado por um gesto do homem, que agora apontava a pedra logo acima. O reciclador voltou-se para o alto, fazendo novo esforço e atingindo a grande pedra. Ficou quase em êxtase, quando percebeu que uma água muito limpa escorria sobre a rocha, indo parar numa concavidade, que formava um pequeno lago. Este estava dourado, pelo reflexo da luz do sol.

O indigente logo pôs-se a sorrir. Aquilo parecia um pedaço do paraíso, aqui na Terra. Acelerou sua marcha e caiu de joelhos na borda do lago. Passou a lavar seus braços, sentindo um grande alívio para a coceira impertinente. Tirou a camisa e mergulhou no local. Sentia-se bem, cada vez melhor, conforme se lavava com aquela água. O homem de preto tinha razão, pensava ele. A seguir, clamou em voz alta:
- Ele não mentiu! Ele não mentiu!

O mendigo, como se estivesse inebriado, começou a gargalhar. Atingia uma espécie de êxtase. Tinha uma alegria, que nunca havia experimentado antes.

No entanto, depois de um tempo neste estado, lembrou do seu condutor, lá embaixo. Raciocinou que precisava descer, agradecer ao homem de preto e ir embora com o seu carrinho de madeira.

Acalmou-se e procurou a camisa que havia tirado. Logo a pegou, mas quando ia vesti-la, reparou que as feridas de seus braços não existiam mais. Ele estava

curado! Aquilo era um milagre! O mendigo chorava, sentado na beira do lago. Aquele era o dia mais feliz de sua sofrida vida.

As águas, muito limpas, voltaram a ficar serenas após o seu agitado banho. O sol tornava a se refletir na superfície, mas o indigente, em meio às lágrimas, notou que algo diferente estava acontecendo. Agora, as águas refletiam uma outra figura. Alguém muito alto chegava por trás. O reciclador, virando-se, notou um grande homem. Não era possível ver o seu rosto, que estava coberto por palhas, que se estendiam até os seus pés descalços.

Em poucos instantes, este Senhor das Palhas envolveu aquele sofredor, retirando-o do Plano Terreno. O indigente, sem que percebesse, havia desencarnado na noite que fora dormir com a forte dor de cabeça. Ali, no campo-santo, as únicas testemunhas do fato foram o homem de terno preto e a dama sentada ao seu lado.

11- O ADVOGADO

Rômulo acabava de erguer a cabeça, que descansava sobre seus braços, apoiados sobre aquela mesa de bar. Estava sonolento e confuso, procurando entender o que fazia ali. Não recordava como chegou naquele local, onde predominava o cheiro de álcool e cigarro. O barulho ambiente não lhe ajudava a concatenar as ideias, embora, agora, já se encontrasse mais lúcido, pois o sono se dispersava com o vozerio do entorno.

Então, subitamente, o advogado teve a sua atenção voltada para a sua esquerda, porque na cadeira ao lado acabava de se sentar um sujeito esquisito e falastrão. Este homem, que conversava com outros passantes, a seguir se dirigiu a Rômulo:

- Seja bem-vindo, doutor!

O advogado, surpreendido com a companhia inesperada e um tanto invasiva, limitou-se a colocar:

- Desculpe, você me conhece de onde?

Logo veio a resposta:

- Ora, doutor, você é meu amigo de longa data e não se lembra de mim?!

Rômulo, desconfiado e sob certa perturbação, olhou bem a fisionomia de seu interlocutor, tentando lembrar alguém do passado. Talvez fosse um colega de faculdade ou alguém a quem tivesse defendido na justiça há alguns anos... Mas, o fato é que não se recordava daquele indivíduo, que voltou a se comunicar:

- Ô doutor, somos sócios de muita coisa! Eu, você e os amigos aqui em volta somos parceiros antigos!

Ao fazer esta observação, o intruso estendeu os braços, indicando várias pessoas naquele ambiente, que, naquele instante, prestavam atenção à mesa onde Rômulo estava. O advogado ficou mais atônito ainda, ao notar melhor a turma em volta, a maioria homens vestidos de forma estranha, meio sujos e com roupas

surradas ou amarrotadas. Havia algumas mulheres, que francamente tinham similaridade com meretrizes, devido ao seu gestual e trajes reduzidos.

Rômulo permaneceu quieto. Não sabia o que dizer. Acabou pensando que talvez tivesse bebido, misturando o álcool com algum de seus remédios para dormir, já que sua consciência, ultimamente, lhe acusava de certas atitudes pessoais e profissionais, impedindo-o de ter boas noites de sono. Naquele momento, chegou a se indagar até mesmo se não estava tendo um pesadelo. Contudo, o homem ao seu lado pareceu ter lido o seu pensamento, pois falou:

- Você não está bêbado, nem sonhando. O doutor está aqui conosco, porque é nosso amigo e camarada. É até mais que isso! É nosso sócio e irmão de sangue!

Após esta fala, em tom jocoso, ouviram-se várias gargalhadas naquele bar ou taberna, em verdade um local de difícil classificação sobre o que realmente era, pois assemelhava-se a vários tipos de estabelecimento. Seria talvez um misto de prostíbulo, boteco e restaurante porque, além do mais, haviam pessoas próximas, que comiam alimentos gordurosos em pratos toscos e outras bebiam, fartamente, algo parecido com cerveja.

Rômulo, agora, estava amedrontado. Não sabia o que fazer ou dizer. Sentia-se desnudado perante aquele grupo. Parecia, a ele, que aquelas pessoas podiam penetrar na sua mente. Com este sentimento, se perguntou se o que andava fazendo como advogado era do conhecimento deles. E a resposta não tardou, por parte do “companheiro” ao lado:

- Doutor, você é um dos nossos. Já ajudou até a soltar três irmãos com aquele dinheiro, não é mesmo?

Então, várias gargalhadas ecoaram, mais uma vez, naquele ambiente. Rômulo estremeceu, internamente, por perceber que sabiam de seus subornos. As quantias vultuosas que o crime organizado vinha lhe passando não eram para usos nobres...

Entretanto, em seguida formou-se um tumulto, após alguém avisar aos gritos:
- Sujou! Sujou! Os soldados estão na área!

Houve correria, com os frequentadores da taberna evadindo-se do local. Rômulo não sabia o que fazer e, tendo-se levantado, não pôde se movimentar, porque agora dois homens, usando longos sobretudos negros, o seguravam pelos braços. Estes conduziram o advogado numa direção, para a qual o mesmo não conseguiu vislumbrar, pois acabou perdendo a consciência. Enquanto o advogado era praticamente arrastado dali, notava-se que alguns frequentadores do bar também haviam sido capturados.

Mais tarde, Rômulo voltou à lucidez. Estava sentado numa cadeira baixa, de frente para uma larga mesa, atrás da qual permanecia um homem branco, de olhos claros, vestido de toga. Logo o advogado percebeu que estava numa espécie de tribunal. Tudo no novo ambiente se assemelhava a isto. O homem caucasiano dirigiu-se a Rômulo, sem delongas, apontando-lhe algumas falhas. Na sequência, indagou:

- Você deseja se defender?

O advogado sabia que tinha condições intelectuais para argumentar, mas sentia-se intimidado. Olhava no entorno e se perguntava se não estava sonhando. Percebeu, também, que naquele suposto tribunal estavam presentes outras pessoas, que poderiam ser testemunhas por exemplo, bem como homens que pareciam ser guardas, embora as suas roupas não fossem as tradicionais. Além disso, avaliou que algumas formalidades e ritos, aos quais estava acostumado, não ocorriam ali. O que estaria acontecendo? Esta era a pergunta mental que fazia. Mas, seus pensamentos foram interrompidos pelo homem que cumpria o papel aparente de juiz:

- Você vai defender a si próprio?

Rômulo, voltando à realidade, respondeu que sim, embora estivesse inseguro quanto ao que estava acontecendo. Entretanto, passou a acreditar que estivesse sob o efeito de algum remédio que tomara anteriormente, que distorcia um pouco suas percepções e raciocínio.

Em seguida, alguém narrou detalhadamente várias ações que Rômulo vinha realizando ultimamente, despindo-o perante todos. O advogado indignou-se, porque aquilo seria o fim de sua carreira. Ele logo protestou, dizendo:

- Calúnias! Quem me acusa e com quais provas?

Para a sua surpresa, desceu do teto uma grande tela, onde foram projetadas as imagens de alguns delitos do advogado. O silêncio tomou conta do ambiente. As imagens eram definitivas quanto à culpabilidade de Rômulo, que se calara, atônito. Ele pedia a Deus, interiormente, que aquilo fosse apenas um desagradável pesadelo. Então, a voz do juiz voltou a ser ouvida:

- Rômulo, você cometeu erros graves que atentam contra a ética de sua profissão e contra a sua real missão na Terra. Aliou-se ao crime organizado e até mesmo ajudou a ocultar um cadáver, para livrar um dos seus clientes. O que espera de sua vida, daqui para a frente?

O advogado ficou muito surpreso com a pergunta, pois esperava tão somente uma dura sentença, embora aquele julgamento não seguisse os passos aos quais estava acostumado. Após instantes de reflexão, sentiu uma luz no âmago do seu ser. Ajoelhou-se no piso do tribunal, de cabeça baixa, mas falou com vigor e sinceridade:

- Se eu pudesse escolher um rumo para a minha vida torta, eu abdicaria de todas as causas que venho defendendo. Devolveria ou doaria o dinheiro sujo que já recebi e me desvincularia daqueles que me contrataram. Eu recomençaria tudo de forma diferente, porque já não durmo em paz. Minha consciência me acusa! Não consigo me olhar no espelho! Tenho repulsa por mim mesmo!

Após a fala do advogado, surgiu estranho som repetitivo no tribunal, como pancadas ou choques de rocha contra rocha. Rômulo, espantado, levantou a cabeça na direção do juiz, porque era de lá que vinham os estrondos. O advogado, então, notou uma névoa à frente dele. Rapidamente, ela se dispersou e o magistrado estava diferente. Agora, o juiz era um homem de pele morena e longa barba escura. Segurava dois machados de lâminas duplas, com os braços cruzados sobre o peito. Mas, a voz que se ouviu de sua boca era a mesma de antes, trazendo a sentença:

- Assim você agirá, a partir de agora, com os seus 42 anos de idade na Terra. Ainda tens tempo para a correção. Cumpra o que falastes e o final de sua vida não será tão amargo. Mas, se falhares, o peso da Lei virá sobre ti com todo o vigor. Assim determino! Assim é.

Ao dizer isto, o juiz ergueu os dois machados. Este foi o sinal para que os dois homens, que haviam trazido advogado, o levassem de volta ao seu corpo material, que jazia dormindo em sua confortável cama, no Plano Físico.

Rômulo, em seguida, despertou em seu leito. Notou que o seu corpo estava encharcado de suor. Depois daquela inesquecível experiência fora do corpo, o advogado transformou-se profundamente...

12- A SENHORA DO LAGO

Aquela manhã, com o sol aparecendo timidamente entre nuvens, era um dia difícil para Nívea. A jovem acabava de sair de casa com a ideia de se suicidar. Levava, em sua bolsa, uma garrafinha com água e alguns comprimidos, pretendendo tomá-los a cerca de um quilômetro de sua residência, na beira de um lago meio isolado, junto a uma mata.

Enquanto caminhava em direção ao seu pré-traçado destino, Nívea mantinha pensamentos negativos e um tanto turbulentos. Avaliava que, até aquele ponto de sua vida, com os seus 18 anos, não havia conquistado o que desejava. Tinha um amor não correspondido, acumulava mágoas familiares, não ia muito bem nos estudos... E ia enumerando suas pretensas derrotas, preferindo enxergar o mundo com olhos muito nublados. Não era capaz de ver o lado bom da vida, nem ao menos compreender que as dificuldades da jornada são aprendizados para o espírito.

Após os minutos da sua lenta e introspectiva caminhada, que não lhe permitia ver as belezas da estrada, nem ouvir o canto dos passarinhos, chegou ao lago. O conjunto do local formava um aspecto exuberante. Alguns raios solares, devidamente filtrados pelas nuvens, atingiam o espelho d'água, promovendo um verdadeiro espetáculo de cores. Ao fundo, havia um morro todo coberto por árvores, alternando vários matizes de verde. No entorno, muitas flores na vegetação rasteira. Aquele lugar provocava um verdadeiro contraste em relação à intenção da moça, que, ao notar a paisagem, sentiu o seu poderoso impacto.

Nívea, então, se permitiu sentar numa pedra, quase à beira do lago. Seus pensamentos melancólicos foram deixados brevemente de lado, enquanto seus olhos paravam, hipnotizados, na luz refletida pela superfície da água, a sua frente. Durante os momentos em que admirava a natureza, não tinha o impulso de tomar os comprimidos dentro de sua bolsa. Naquele instante, havia uma luta interior. A vida pulsava no seu entorno, mas ela desejava morrer.

Entretanto, algo interrompeu suas ideias conflitantes. Alguém lhe disse:

- Bom dia, minha filha! Você gostou daqui?

Nívea, surpreendida, se virou na direção da voz e se deparou com uma velha senhora. No seu rosto, estava estampado um sorriso muito branco, que contrastava com a sua pele negra. A jovem, diante da simpatia daquela idosa, se viu obrigada a responder:

- Gostei sim, senhora. É um lugar muito bonito.

- Eu venho sempre aqui, sabe? Apesar da minha idade, das dores nas juntas e das minhas pernas já tão pesadas, venho sempre para ver essa beleza que Deus nos deu. Posso me sentar um pouco aí nessa pedra, contigo?

Nívea não tinha como negar, até porque simpatizou com a mulher. Além disso, a pedra era bem extensa e acomodaria quatro ou cinco pessoas facilmente. Assim, falou:

- Claro, fique à vontade.

Depois que a velha senhora se acomodou na outra ponta da pedra, se fez um período de silêncio. A jovem voltou a pensar no suicídio brevemente, entendendo que agora havia um obstáculo. Recordou, também, a sua mágoa mais recente e profunda: a rejeição de seu namorado, que preferira romper com o relacionamento. Mas, suas divagações foram interrompidas pela velhinha:

- Sabe, minha filha, a vida dá muitas voltas! Quando a gente perde alguma coisa, Deus nos provê com algo ainda melhor...

Nívea ouviu o seu ponto de vista, calada, mas ficou a pensar no assunto. Como a adolescente nada retrucou, a senhora voltou a se comunicar:

- O que se pensa que é uma derrota, sempre é uma lição. E quando a lição é aprendida, a derrota foi apenas o caminho para a vitória...

- Gostaria muito de acreditar nisso que a senhora está falando... (assinalou a moça).

A idosa sorriu, ao perceber que havia chamado a atenção da jovem. Em seguida, a senhora indagou:

- Em que não acredita?

A resposta não tardou:

- Minha vida é meio complicada. Tudo o que desejo me escapa. Não consigo ser feliz e acho que levo tristeza para os outros...

A experiente mulher, então, colocou:

- Filha, é muito importante compreender cada situação e aprender a olhar para a frente. Que tal levantar os olhos, agora, e ver o que está bem a sua frente?

Nívea, que conversava de cabeça baixa, fez automaticamente o que lhe foi proposto. Então, pôde notar que o sol havia aparecido completamente, com grande vigor, saindo de trás das nuvens. Sua luz se refletia pujantemente nas águas do lago. A imagem era impactante e, aproveitando-se disso, a idosa tornou a se comunicar:

- A tristeza só fica em nós, se alimentamos ela. A luz do sol é para todos! Eu podia ficar escondida na minha casinha de sapê, mas sempre que posso, venho aproveitar o sol aqui, nesse lugar tão bonito!

A adolescente, em seguida, começou a chorar. Suas emoções estavam represadas há muito tempo. Talvez a beleza do ambiente, somada à presença daquela pessoa conselheira e acolhedora, tivessem facilitado a torrente de lágrimas que, naquele momento, fluía. A velha senhora apenas silenciou.

Após alguns minutos de pranto, Nívea se recompôs e pôde ouvir:

- Está melhor, minha filha?

A jovem respondeu que sim e passou a colocar, mais claramente, as suas mágoas e medos, àquela pessoa sentada a dois passos de si. A idosa dialogou com Nívea, trazendo novos pontos de vista e inspirando fé numa renovação interior, bem como confiança no futuro. Depois de um tempo, já se despedindo, a senhora disse:

- Vou-me indo! Fique com Deus, filha, mas não esqueça de deixar esses comprimidos que estão aí na sua bolsa, ali na beira d'água.

Nívea, muito surpresa, pois nada havia dito sobre suicidar-se, falou:

- Sim, senhora! Mas, como sabia? Posso lhe dar um abraço?

A experiente mulher respondeu:

- Você não pode me abraçar, filha, porque sou espírito. Mas, sempre que quiser, pode me encontrar aqui. Agora vá, porque a sua família, que muito te ama, está lhe procurando.

A jovem apressou-se em obedecer, mesmo estando um tanto atônita. Colocou os comprimidos próximos ao espelho d'água e subiu para a trilha, que dava caminho de volta para a sua residência.

Após alguns metros de caminhada, não resistiu à curiosidade e olhou para trás. Então, ela pôde ver a senhora andando lentamente em direção ao lago, estando envolvida em brilhante luz lilás. A idosa foi penetrando em suas águas, até desaparecer da superfície.

13- ANINHA E PEDRINHO

Naquele belo espaço ajardinado, onde havia muito verde de uma grama bem aparada e o colorido de flores miúdas, brincava Aninha. Conversava com duas bonecas, enquanto mexia uma comida imaginária, numa panelinha de plástico. Sua mãe, na cozinha daquela bela casa de sítio, acompanhava de ouvido as atividades infantis da filha única. Ela estava acostumada aos longos diálogos de Aninha com ursinhos de pelúcia, coelhos de borracha e as já surradas bonecas.

Não demorou e Cássia chamou sua preciosidade:

- Aninha, a comida está na mesa! Vem comer, minha filha!

A pequenina, que tinha sete anos de idade, logo apareceu, arrastando as duas bonecas e dizendo:

- Mamãe! Mamãe! Lurdinha e Rosinha vão almoçar comigo.

Cássia, pacientemente, ajudou a acomodar a filha à mesa, bem como as suas duas amigas de pano. A menina comeu com a vivacidade de sempre, volta e meia elogiando o sabor dos alimentos e trocando ideias com seus brinquedos preferidos, cuidadosamente colocados em duas cadeiras laterais.

Depois de uma soneca, logo após o almoço, era possível ouvir Aninha tagarelando no seu quarto. A criança havia despertado e agora conversava com Pedrinho. Cássia já estava acostumada com este amiguinho imaginário de sua filha. Não se incomodava com isso e até prestava atenção, às vezes, nos assuntos que Aninha desenvolvia com o suposto garoto.

Naquela tarde, em especial, a menina estava bastante concentrada no bate-papo com Pedrinho. Era muito interessante, para a mãe, perceber que Aninha perguntava algo e, em seguida, aguardava a resposta do menino. Então, sua filha voltava a falar, para, depois, ocorrer um silêncio, cujo período deveria ser ocupado por algum argumento de Pedrinho, que só a jovem escutava. Cássia se admirava da imaginação e criatividade da criança e, naquele dia, resolveu aderir à brincadeira. Então, adentrou o quarto e perguntou:

- Filha, o que você tanto conversa hoje aí, hein?

A menina logo respondeu:

- O Pedrinho está aqui, mamãe! Ele disse que amanhã vai me trazer um presente.

Cássia, abrindo um largo sorriso, entrou de vez na brincadeira e colocou:

- Olha, se ele vai te dar um presente eu também quero um!

Aninha desviou o seu olhar da mãe e mirou a porta de saída. A seguir, explicou com vivacidade:

- Mãe, ele foi embora dizendo que o presente é para mim e para você também.

- Então vamos esperar, não é filha?

O resto da tarde e também à noite, Aninha lembrava com frequência da promessa do presente, comentando o assunto. A criança ficou um tanto excitada com a ideia de que ganharia algo. Até quis ir dormir mais cedo, para que o dia seguinte chegasse logo.

Cássia ficou um pouco preocupada em ter alimentado a brincadeira da menina, crendo que ela se decepcionaria no dia posterior. Chegou, mesmo, a falar com Jorge, o pai de Aninha. Pediu para que ele trouxesse alguma lembrancinha da cidade, quando voltasse do trabalho no dia em seguida, à tardinha, para consolar a menina.

A noite transcorreu sem incidentes. Pela manhã, assim que acordou, Aninha atravessou a casa, ignorando a farta mesa com o desjejum. Sua mãe tentou impedi-la, mas a menina logo estava no quintal. Cássia, segurando uma caneca de café com leite, resolveu terminar de tomá-la, pois sabia que Aninha logo regressaria.

Realmente a mãe tinha razão, porque em pouco tempo podia ouvir a voz de sua filha. Entretanto, houve uma surpresa. A garotinha, agora, gritava de alegria. Adentrando pela cozinha, trazia uma pequena cesta de palha trançada, semicoberta por um pano de algodão branco. Ela dizia:

- O presente, mamãe! O presente, mamãe!

Cássia adiantou-se e segurou a cesta, depositando-a no chão, para examinar o conteúdo. Mas, não teve chance de descobrir por si, porque a criança passou a falar, euforicamente:

- É um cachorrinho! Um cachorrinho de verdade! Ele é de verdade!

Ao suspender totalmente o pano branco, a mãe de Ana constatou a presença de um filhote bem jovem de cachorro, quase todo branco, com uma pequena mancha negra na testa. A menina voltou a falar:

- O Pedrinho tinha prometido! Ele é nosso, mamãe! O cachorrinho é nosso!

Em meio àquela algazarra, Jorge apareceu na cozinha para entender o que estava acontecendo. Cássia puxou o marido para um canto e perguntou-lhe, ao ouvido:

- Foi você? Ela trouxe lá de fora.

O pai de Aninha, surpreendido, mas feliz em ver sua filha tão alegre com o animalzinho, respondeu rapidamente à esposa:

- Não fui eu. Alguém deve ter deixado no portão.

Então, Jorge indagou:

- Onde você encontrou a cesta, filha?

A menina, que agora queria pegar o bichinho no colo, assinalou:

- A cesta estava no portão, debaixo da árvore. O Pedrinho que apontou!

Jorge olhou para mulher e, já se despedindo para ir ao trabalho, comunicou:

- Cássia, tenho que ir embora. Depois tento descobrir se algum vizinho deixou a cesta no nosso portão.

O dia transcorreu em torno daquela novidade. Cássia e Aninha se desdobraram para improvisar uma casinha, com algumas tábuas e pedaços de papelão, que formaram a residência do cãozinho, em plena varanda da casa do sítio. Os tratos com o animal dominaram as horas vividas.

À tardinha chegou Jorge e ele salientou que, no retorno ao lar, conversou com os vizinhos mais próximos. Nenhum deles havia deixado o presente no portão. Talvez alguém, vindo de longe, tivesse deixado o filhote ali para a adoção. Assim, a família acolheu o cachorro.

As semanas seguintes foram de alegria para Aninha, que cuidava do cachorrinho com zelo. Volta e meia, no jardim, brincavam o animal, a menina e

Pedrinho, o amigo invisível. Cássia ainda o considerava como um personagem imaginário. Ela havia interpretado que tudo fora uma grande coincidência.

Seis meses depois da chegada do animal de estimação, Cássia pegou Aninha mais uma vez conversando com Pedrinho, no quarto da criança. Ao entrar no recinto, a mãe indagou sobre o que falavam. A pequena Ana parou de tagarelar e parecia prestar atenção em algo. Cássia ficou em expectativa. Então, o silêncio foi quebrado pela filha:

- Mamãe, Pedrinho me disse que você não precisa ficar tão triste em lembrar da vovó Lilica.

Cássia ficou paralisada com o aviso inesperado. Não sabia o que dizer e a menina voltou a falar:

- Pedrinho disse que ela gosta muito de você. Vovó Lilica não ficou doói por sua causa...

Em seguida, Aninha se distraiu com uma borboleta que tinha acabado de entrar pela janela. Cássia aproveitou o momento e saiu do recinto, pois precisava derramar algumas lágrimas, que seriam incompreensíveis para a sua filha.

Lá fora, no belo quintal do sítio, a mente de Cássia viajou ao passado. Sua filha nem ao menos tinha conhecido a vó Lilica, mãe de Cássia. Apenas tinha visto algumas fotos da velha senhora, sem maiores detalhes de sua vida sofrida. A menina tinha tocado num assunto que só Cássia sabia. O próprio marido, Jorge, não tinha ciência de um remorso que Cássia carregava no íntimo, devido a um antigo desentendimento familiar.

Num dado instante, a mulher foi interrompida em seus pensamentos, pois “Tiquinho”, o cãozinho, saltitava em suas pernas. Passou a brincar com o animalzinho, que, naquele instante, parecia lembrá-la que ele fora um presente de Pedrinho, o amigo imaginário de sua filha. Neste contexto, Cássia passou a acreditar que Pedrinho não era imaginação de Aninha, o que seria confirmado em breve...

À noite, quando Cássia se recolheu para dormir, resolveu fazer uma oração para o seu anjo de guarda, que havia sido ensinada pela sua mãe Lilica. Há muitos

anos não orava porque, na realidade, não tinha uma disciplina religiosa. Não pensava muito em assuntos transcendentais, mas, como católica, não era dada a temas do Espiritismo. Ela, após a oração, passou a se perguntar se Pedrinho seria algum tipo de anjo. Contudo, logo pegou no sono.

Pela madrugada, Cássia teve um sonho muito vívido. Ela estava no quintal de sua casa e a luz do sol banhava o ambiente. Então aproximaram-se, correndo e rindo, sua filha Aninha e um menino. Estavam de mãos dadas. A garotinha logo falou:

- Mamãe, este é o Pedrinho!

O garoto, muito sorridente até o momento, ficou sério. Ele disse para Aninha:

- Vai procurar o Tiquinho pra gente brincar!

Aninha se afastou à busca do cachorrinho. Este foi o ensejo para Pedrinho se comunicar com Cássia, diretamente:

- Vou me afastar da Aninha. Ela não me verá mais, por um tempo. Depois de sete anos, eu volto. Tá bom tiazinha?

Cássia não sabia o que dizer. Estava magnetizada pela presença radiante, daquele belo menino de cabelos cacheados negros, trajado de camisa e calças azuis.

O garoto tornou a falar:

- Mas eu volto tá? Eu volto e vou falar muito com você depois...

Em seguida, Cássia despertou na sua cama com toda a lembrança do sonho. Não entendeu muito bem do que se tratava, mas trouxe um bom sentimento consigo.

Com o passar do tempo, tudo se confirmou. Pouco a pouco, Aninha parou de falar no seu amigo invisível. Entretanto, sete anos mais tarde, já na adolescência de Aninha, houve o retorno de Pedrinho, de uma forma surpreendente. A partir de então, o menino espiritual passou a falar pela boca da adolescente. Sua bela mediunidade eclodia com vigor, para o benefício de muitos. Mas, isto é uma outra história...

14- OS TRÊS SOLDADOS

O bombardeio continuava sobre aquela praia, se estendendo para cerca de 1500 metros além da orla marítima, na direção do continente, na costa italiana. Desenrolava-se mais uma batalha sangrenta, dentre as muitas da Segunda Guerra Mundial.

Guido se resguardava como podia dos tiros dos soldados inimigos recém-desembarcados, respondendo ao fogo intermitentemente. Porém, ele e seus companheiros estavam à mercê das bombas que desciam sobre suas posições. Neste quesito, era uma questão de sorte não ter a sua barricada destruída, ou mesmo manter a própria vida.

Em meio ao barulho e à fumaça, Guido, que manuseava uma submetralhadora Beretta, procurou ver como estava um amigo:

- Giorgio, está firme aí?

- Sim, a coisa está feia! São muitos! (respondeu, o soldado)

- Os malditos estão tendo apoio aéreo! Vamos morrer! (colocou, Guido)

- Não quero morrer hoje! Não é a minha hora! (gritou, Giorgio)

- E Paolino? Viu Paolino? (indagou, Guido)

- Estou aqui! Estou sangrando, mas foi de raspão! (comunicou, o soldado, com voz trêmula)

- Viram Pietro?

Logo em seguida à pergunta de Guido, que ficou sem resposta, um estrondo dominou o local onde estavam. Um petardo acabara de explodir, ceifando a vida daqueles combatentes italianos. Era inevitável. Em pouco tempo, tropas aliadas avançaram sobre a praia, vitoriosas e com poucas baixas.

Dias depois, aquele ambiente estava pacificado. Não se ouviam tiros no Plano Físico. Contudo, “do outro lado da vida”, na Dimensão Astral correspondente àquela localidade, havia conflito. Baionetas ainda eram aticadas contra o “inimigo”, em

brutal combate “corpo a corpo”. Tiros eram disparados e, até mesmo, alguns soldados recém-desencarnados poderiam jurar que ouviam bombas explodindo.

Isto acontece, com alguma frequência, com aqueles que morreram em condições de muito estresse, como em situações de guerra. Cada espírito é um universo particular. Enquanto uns perecem, nessas condições, perdendo a consciência por um tempo, outros permanecem focados em combater o “inimigo”, agindo ainda como se mantivessem o corpo material. Esta última alternativa foi a que aconteceu com Guido, Giorgio e Paolino.

Os três permaneciam, a postos, na barricada que havia sido praticamente pulverizada pela bomba. Não percebiam a nova realidade, pois, no Mundo Sutil, tudo estava intacto. Continuavam atirando com armas plasmadas pelas suas mentes, numa luta que parecia não ter fim.

Considerando o tempo, sob o ponto de vista terreno, já transcorriam três semanas em que muitos soldados se mantinham naquela terrível empreitada, embora o esgotamento psíquico já fosse grande. Eles trocavam tiros intensos e, volta e meia, ocorriam períodos de trégua. Estes períodos sem batalha campal, com o passar dos dias, foram se estendendo. Os momentos de tiroteio foram tornando-se esporádicos e, na barricada dos três soldados, foi abrindo um espaço maior para diálogos entre eles. Aos poucos, as recordações familiares foram predominando e eles chegavam à conclusão de que aquela guerra não fazia sentido. Numa oportunidade, Guido falou, saudosista:

- Não vejo a hora de voltar para casa! Sinto falta da “mamma” e de Giovanna, meu amor.

Giorgio não demorou a se manifestar:

- Não fale em “mamma”, porque me lembra o macarrão que não temos aqui!

Paolino, jocosamente, protestou:

- “Porca miseria”! É isso que valem nossas mães? Um prato de macarrão?

Os três passaram a rir abertamente, o que era muito raro naqueles tempos de guerra. No entanto, no Plano Físico, acabava de cruzar os ares um avião avariado,

fazendo grande barulho. Eles, ainda conectados ao Mundo Material, não deixaram de captar o som, que, possivelmente, seria sinal de perigo. Assim, deitaram-se na areia da praia, de modo a não serem vistos ou atingidos. O instinto de autopreservação perdurava, mesmo “do outro lado”, onde não tinham percebido que já haviam desencarnado. Depois deste incidente, ergueram-se cuidadosamente e entabularam nova conversa, iniciada por Giorgio:

- Paolino, como está seu ferimento?

A resposta não tardou:

- Melhor! Não sangra mais! Parece que está até cicatrizando.

- Deu sorte, hein?! Se tivesse dado uma febre, não tínhamos remédio aqui. (colocou, Guido).

Mudando de assunto, Giorgio lembrou novamente do macarrão da “mamma”, assinalando:

- Estou cansado desta ração! Preferia, mil vezes, a massa de casa.

- O pior é que a ração está acabando! (salientou, Guido)

Paolino, em seguida, falou:

- O pessoal do apoio está demorando a chegar dessa vez. Não quero passar fome de novo!

Então, resolveram alimentar-se com o que tinham, o que, na realidade, era “ração militar” plasmada por suas mentes, ainda presas à vida física. A barricada dos três soldados já tinha ido pelos ares, bem como seus provimentos alimentares.

Momentos depois, Paolino alertou aos seus companheiros:

- Vejam! Lá no horizonte! Tem algo se aproximando.

Guido e Giorgio se arrastaram até onde estava o amigo, constatando, de fato, um movimento. Pela areia, beirando o mar, vinha um cavaleiro. Parecia uma miragem. Os rapazes ficaram hipnotizados com aquela figura, que, lentamente, se aproximava. Aos poucos, notaram que ele era seguido por homens a pé.

Paolino levantou-se, para tentar ver melhor. Guido protestou:

- Deita Paolino! Deita! Assim, você é um alvo fácil!

Mas, o soldado, em postura ereta, além de ter ignorado o colega, avançou para fora da barricada, o que deixou Guido exasperado:

- Volta "maledetto"! Vai morrer! Vai morrer!

Nervoso com a situação, Giorgio disse a Guido:

- Calma! Eu vou lá buscá-lo!

E foi, num arroubo, atrás de Paolino, que começava a se afastar cada vez mais da posição de resguardo.

Alcançando-o, já a mais de 10 metros da barricada, puxou o amigo pelo braço esquerdo, gritando:

- Acorda, Paolino! Acorda! Vamos todos morrer!

Paolino ignorou a tensão do seu irmão de farda e, além disso, se soltou para avançar mais, correndo em direção da comitiva.

Com Giorgio em seu encalço, Paolino fazia uma correria desabalada na direção dos estranhos. Depois de um tempo, o segundo soldado alcançou o da dianteira, derrubando-o na areia da praia. Mas, já era tarde. Haviam sido descobertos e estavam a apenas cerca de 30 metros do grande grupo, que continuava se aproximando.

Então, após o início de uma briga entre os dois soldados, a confusão entre ambos, de súbito, acabou. Pararam, contemplativos, observando fixamente ao homem sobre o cavalo branco. Ele estava vestido como se fosse um general do antigo Império Romano. Segurava as rédeas com tranquilidade, enquanto o animal avançava seguro e serenamente. Ao seu lado, caminhando a pé, vinha um legionário romano, portando um estandarte rubro e brilhante, com uma cruz branca ao meio. Havia uma fileira de legionários à direita do Cavaleiro e à esquerda do porta-estandarte, formando duas longas colunas, que ladeavam a comitiva. No meio, protegidos pelos guerreiros romanos, caminhavam dezenas de soldados desencarnados da Segunda Guerra Mundial.

Paolino e Giorgio não sabiam o que fazer ou pensar, naqueles instantes em que o grande grupo passava ao lado deles. Ficaram paralisados, mas, em seguida,

notaram um novo acontecimento. Mais à frente, o general levantou o braço direito e o séquito parou. A coluna de legionários da direita se abriu, após quatro desses lendários guerreiros se deslocarem com suas lanças. Paolino e Giorgio, de alguma forma, entenderam que precisavam se agregar àquelas pessoas. Adentraram ao grupo, ficando ao centro com os demais soldados do século XX. Notaram, embora estivessem numa espécie de transe, que ali não estavam apenas italianos desencarnados, mas também soldados britânicos, americanos e alemães, distinguíveis pelas suas fardas.

Em pouco tempo, a comitiva passava ao largo da barricada dos três soldados, onde, naquele momento, estava apenas Guido, de pé, com sua submetralhadora Beretta. Ele sentiu o chamado, avançando pela areia. Logo largou a arma plasmada. Os legionários romanos, ao comando do general, abriram-lhe espaço para se juntar ao grupo. Ali só poderiam se agregar aqueles que desejavam deixar as vibrações belicosas para trás. O cortejo finalmente estava completo.

Marcharam pela areia por um tempo, não percebendo que, cada vez mais, se afastavam do Plano Terreno. Os legionários romanos, liderados pelo mítico militar, agora guia espiritual, levavam os soldados recém-falecidos para o Astral do Brasil. Aqueles combatentes da Segunda Guerra Mundial reencarnariam, nos anos subsequentes, no País do Cruzeiro do Sul, após a devida preparação para uma nova jornada...

15- LUZ NA CACHOEIRA

A moça digitava, com extrema habilidade, no teclado do seu telefone celular. Dedos velozes acompanhavam sua mente acelerada, sempre ávida por novidades. Estava num vagão do trem do metrô que se deslocava, naquela manhã, com um excesso de pessoas, o que era comum. Muitos se dirigiam ao trabalho, enquanto outros, como Manuela, iam para a escola.

A jovem, como sempre, fazia aquela viagem dentro de um mundo próprio, apenas dividido com os colegas das redes sociais. No seu colégio, só tinha uma amiga de verdade, Luzia, que ultimamente andava faltando, porque estava doente. Assim, Manuela assistia às aulas, naqueles dias, sem interagir com ninguém. Entrava muda na sala, assistia aos conteúdos passados pelos professores e voltava calada para a sua casa. Esta situação aprofundava o seu jeito de ser, muito focado na internet e nas redes sociais correspondentes.

Porém, naquela oportunidade, algo traria uma alegria maior à “Manú”, como era conhecida a adolescente Manuela. Quando chegou à instituição de ensino, um pouco antes da primeira aula, ouviu alguém dizer que Luzia havia se recuperado e que iria assistir às aulas naquele dia.

Após se acomodar em uma mesinha, ao fundo da sala, como era de seu costume, Manú ficou em expectativa quanto à chegada de Luzia. Poucos minutos depois, lá vinha a sua amiga, ainda um pouco abatida. Logo em seguida, entrou a professora, o que impedia Manú de conversar com Luzia.

Ao final da aula, durante o intervalo, Manú acenou para a amiga, não sendo correspondida. Ia se aproximando dela, mas logo chegou o professor da matéria seguinte. Manuela, então, retornou ao seu lugar, ficando ensimesmada. Luzia a teria ignorado de propósito? A colega estaria chateada com ela, por não tê-la visitado durante a doença? Estes eram os questionamentos que povoavam, agora, a mente de Manú.

No horário do recreio, Luzia tinha evadido rapidamente, dirigindo-se ao grande pátio do colégio. Por isso, Manuela acabava de concluir que sua amiga estava mesmo chateada. Preferiu respeitar e aceitar a situação. Manú não demorou muito no refeitório e, ao atingir o espaço onde a maioria dos alunos interagia, mergulhou novamente no seu celular...

Quando aquele dia de aulas terminou, Manuela dirigiu-se à estação do metrô. O veículo coletivo não demorou a chegar e logo a jovem penetrava em um de seus vagões. Não havia lugar para sentar e Manú arranjou-se como pôde, num canto, conseguindo se encostar com o mínimo de conforto necessário para, a seguir, pegar o celular e acessar uma rede social. Ela não percebeu, mas estava sendo observada. Luzia, a poucos metros, mantinha um olhar de espanto na direção de Manú, que se mantinha hipnotizada na tela do seu telefone móvel.

Contudo, a viagem de Luzia era muito mais curta do que a de Manuela. Logo na estação seguinte, a adolescente recém-refeita de uma doença saltou. Ela tinha uma expressão assustada no rosto, apressando o passo para o seu lar...

Assim que chegou em casa, Luzia gritou pela sua genitora:

- Mãe! Mãe! Onde você está?

Em pequeno intervalo de tempo, foi possível ouvir a resposta:

- O que foi Luzia? Estou aqui na cozinha!

A jovem, atingindo o cômodo citado, com brevidade exclamou:

- Mãe, a senhora não vai acreditar!

- Em quê, menina? Fale logo! (respondeu a senhora de meia idade)

- Mãe, eu vi o espírito da Manú no metrô! Ela estava lá! Eu juro!

Dona Lourdes, admirada com a notícia dada pela filha, desligou o fogo do feijão. Olhou fixamente para Luzia e comentou:

- Filha, você tem certeza? Sua amiga morreu tem só um mês. Será que ela está perdida? Como você a viu?

A adolescente, muito excitada, colocou:

- Mãe, ela estava, como sempre, grudada no celular! Vi ela dentro do metrô!

- Mas, você tem certeza, filha? Sei que você vê os espíritos desde pequena, mas desta vez sua cabeça pode ter lhe pregado uma peça. Não se esqueça que você adoeceu logo depois que sua amiga morreu. Você ficou triste e se enfraqueceu... Ainda não está forte, hein!!

A jovem retrucou:

- Não, mãe! Eu vi sim! Aconteceu do mesmo jeito de sempre. Minha testa ficou formigando e a visão espiritual se abriu...

Dona Lourdes, então, se calou. A adolescente ainda teceu alguns argumentos e pormenores, mas a mãe não desejava alongar aquela conversa, apenas respondendo sobre um ou outro ponto, monossilabicamente. A experiente senhora temia, intimamente, que, se falassem muito sobre a Manú, que o seu espírito acabasse sendo atraído para o seu lar. Isto, de alguma forma, poderia prejudicar a sua filha, caso Manuela passasse a acompanhar Luzia, trazendo-lhe alguma perturbação, mesmo não intencionalmente.

Assim, Dona Lourdes logo lembrou de um centro espiritualista, onde havia estudos kardequianos, bem como também trabalhavam entidades da corrente umbandista. Pensou que ali poderiam ajudar a encaminhar o espírito de Manú e, preventivamente, evitar um possível processo obsessivo sobre sua filha.

No domingo seguinte, lá estava Lourdes junto à entrada da Irmandade Eclética Frei João. Aguardava, pacientemente, a abertura do portão, o que se dava com pontualidade às 14:30 h. Próximo a ela, outras pessoas também esperavam, cada uma com sua necessidade.

Em dado instante, o centro foi aberto. Lourdes adentrou o quintal da instituição e se dirigiu ao salão principal, onde se daria, em breve, uma sessão de “mesa de Umbanda”.

Os frequentadores já sabiam o que fazer. Boa parte deles pegava tiras de papel, onde escreviam nomes de indivíduos que precisavam de ajuda. Uns eram doentes, outros estavam perturbados pelo vício, outros com problemas psíquicos... A lista de desequilibrados era extensa, como sempre...

Lourdes, como outras pessoas, anotavam pedidos de ajuda a desencarnados. Estes nomes eram colocados à esquerda de um jarro de flores. À direita, ficavam os papéis com solicitação de auxílio aos encarnados.

Depois de alguns minutos, houve o início da reunião de trabalho, com uma prece feita pelo dirigente da casa. Em seguida, se abriu o “Evangelho Segundo o Espiritismo”. O trecho de um capítulo foi lido e estudado.

Após um breve intervalo, foi realizada uma oração pelos desencarnados. Alguns espíritos desarmonizados acabaram se manifestando através de médiuns sentados à mesa. O dirigente da casa, ajudado por um outro tarefeiro, pacientemente realizaram diálogos com cada um deles, mostrando caminhos de renovação.

Lourdes, sentada no local reservado à assistência, observava com alguma expectativa, se era possível identificar Manú entre as entidades manifestantes. A mãe de Luzia concluía que Manuela não estava por ali. Embora o seu nome estivesse sobre a mesa dos trabalhos, parecia-lhe que a recém-desencarnada não fora atraída para o centro.

Na sequência, foram entoados cânticos à Linha das Almas. Alguns preto-velhos, agora, davam sinal de suas presenças pelos médiuns que labutavam na “mesa de Umbanda”. Eles estavam chegando para ajudar a encaminhar as chamadas “almas perdidas”, bem como para dar pequenas consultas a algumas pessoas mais necessitadas da assistência.

Os trabalhos prosseguiam. Num dado momento, uma entidade incorporada esticou o braço de seu médium e apanhou um papel à esquerda do vaso de flores. Era Pai José que, logo a seguir, perguntou:

- Quem trouxe este nome?

Um ajudante se aproximou do preto-velho e colocou:

- Deixa eu ver, meu velho. Vou ler em voz alta, para saber quem trouxe.

Em seguida, o nome completo de Manuela foi lido e, então, Lourdes assinalou:

- Fui eu quem escreveu este nome!

A entidade voltou a se manifestar e pediu:

- Vem cá, minha filha.

Lourdes se levantou e foi até Pai José, que falou:

- Esta moça não está aqui na casa. Ela está vagando... Nem sabe que perdeu o corpo de carne...

Lourdes se comunicou em seguida:

- Eu sei, meu pai, minha filha anda vendo ela. Essa mocinha, que se foi desta vida, precisa de ajuda. Ela era colega de escola de minha filha...

O preto-velho ouvia com muita atenção a Lourdes, que contou mais detalhes. Depois de um tempo, a entidade voltou a se manifestar:

- Olha, não fica preocupada não! Eu vou ajudar ela. Vou colocar uma turminha atrás dela, que vai resolver a situação.

Lourdes se deu por satisfeita com as palavras do preto-velho. Numa outra oportunidade, este mesmo Pai José já tinha lhe auxiliado de forma evidente. Assim, agradeceu e esperou o término da sessão, para ir esperançosa para casa.

Alguns dias depois, Manú continuava na sua rotina, transitando entre o seu antigo lar material e a escola, através do metrô. Quase sempre se mantinha focada no celular, que era uma cópia plasmada mentalmente, a partir do aparelho que tivera enquanto encarnada. Ainda não tinha percebido seu desencarne.

Em determinado dia, retornando do colégio, saiu da estação do metrô habitual, percorrendo o caminho até a residência de seus pais. Estava distraída, olhando a tela do celular, quando chegou na esquina de uma grande avenida. Ali, havia um menino encostado em um poste, sentado ao chão, em plena encruzilhada. O garoto viu Manuela passar e levantou-se para segui-la. A moça não notou a aproximação contínua que, sem demora, se transformou numa abordagem surpreendente. O menino lhe deu um peteleco na orelha, que fez com que ela afrouxasse as mãos em relação ao telefone. Em ato ligeiro, o garoto tomou o aparelho plasmado e saiu correndo. Manú, após o susto, reagiu com indignação:

- Pega ladrão! Pega ladrão! E iniciou uma desabalada correria atrás do jovem...

A cena, relativamente comum nas grandes cidades brasileiras, no entanto ocorria na contraparte astral do seu bairro. Até havia dois policiais militares naquela avenida, mas ignoravam por completo o que acontecia além da matéria.

Assim, Manú perseguia solitariamente o menino da encruzilhada, que era muito veloz. Depois de um tempo, para surpresa de Manuela, o garoto havia parado numa outra esquina. Estava aguardando a chegada de Manú, que ficara para trás. Quando ela chegou mais perto, ele sorriu, balançou o celular e dobrou à esquerda. A recém-desencarnada se irritou e tentou apressar seu deslocamento, para alcançar o abusado.

O mesmo aconteceu na quadra seguinte. O menino era menor, porém mais rápido que ela. Parecia estar brincando com Manú. Na realidade, ele estava conduzindo a moça para um lugar distante de sua residência. Aquilo era um jogo. O celular plasmado era a isca. O alvo era Manuela, que não se dava conta do que estava acontecendo...

Com o tempo, ambos já não estavam mais na zona urbana da cidade. Naquele instante, o garoto adentrava o que parecia ser a porteira de um sítio. Ali ele parou mais uma vez, sorriu e sacolejou o celular. A jovem, ainda determinada em recuperar o objeto plasmado, foi atrás dele. Uma vez dentro daquela área verde, Manú constatou que o moleque descia uma estradinha de terra. Embora, a partir daquele momento, ela ficasse um pouco preocupada, não sentia medo. Reduziu um pouco sua correria, para examinar melhor o ambiente em volta. Notou a beleza do lugar e quantas flores haviam pelo caminho. Sentiu aroma de jasmim ou algo parecido no ar. Era um perfume adocicado muito gostoso. Agora, Manuela não corria mais. Apenas caminhava, atenta a tudo e meio inebriada pelo local.

Ao final da estrada de terra, que era em suave declive, abriu-se uma grande clareira, envolta em bastante vegetação. Havia um rio de águas bem transparentes. O barulho do fluxo d'água era agradável e calmante. Ela, então, lembrou do garoto que havia lhe roubado. Com o objetivo de localizá-lo, varreu com os olhos todo o

entorno. Mais acima, viu uma cachoeira, onde estavam crianças brincando. Mas, o moleque havia sumido por encanto.

Manú resolveu ir até as crianças, bem pequeninas, aparentando terem entre seis e sete anos de idade. Chegando lá, a adolescente desencarnada perguntou:

- Vocês viram um garoto passar por aqui, com um celular?

Logo era possível ouvir sete respostas, sendo de três meninos e quatro meninas:

- Não tia!

- Não vi, não!

- Não, tiazinha.

- O que é celular?

- Não vi ninguém!

- Só estamos nós aqui.

- Vem brincar com a gente!

Manuela ficou um tanto hipnotizada pelos rostos e sorrisos daquelas crianças, que passaram a insistir:

- Vem brincar, tia! Vem brincar!

Como Manú permanecesse atônita diante daquelas crianças, os pequeninos voltaram a falar:

- Vamos brincar de roda! Vamos cantar! Vem tia, vem!

E tendo dito isso, um menino segurou numa mão de Manuela, enquanto uma garotinha pegava na outra. Logo estava formada uma roda. As crianças passaram a cantar uma música e a dançar dentro do riacho, com as águas até os joelhos. Manú estava inebriada com a recepção infantil e já sorria, enquanto era conduzida na brincadeira.

Quando terminaram a cantiga, a adolescente desencarnada indagou:

- Mas onde está a mãe de vocês?

Uma menina respondeu:

- Agora, tia, nós vamos cantar uma música bem bonita e a nossa mãe vai aparecer, tá?

Então, começaram a cantar:

- Na cachoeira da mamãe...

Enquanto a canção era cantada, em uníssono pelas crianças, todos giravam naquela roda infantil. Manuela era conduzida por aquela energia tão boa e nem percebeu que todos flutuavam sobre o rio.

Mais à frente, sobre a pequena cachoeira do lugar, foi surgindo uma linda senhora, envolvida por uma luz dourada. Parecia surgir por uma espécie de portal. As crianças, cantando fluentemente, num êxtase de alegria, flutuavam cada vez mais em direção à Senhora Dourada.

E foi assim que Manú saiu da camada astral mais próxima do Plano Terreno, em direção ao Mundo Espiritual.

16- O JARDINEIRO

Geraldo estava confuso. A sua volta, em meio a um ambiente um tanto sombrio, podia notar vultos e vozes. Havia neblina e um cheiro desagradável no ar. Ora o aroma parecia ser de mofo, ora se assemelhava a lodo.

Não sabia como havia chegado naquele local e sua memória não era clara. Lembrava de sua vida, no geral, como a sua profissão, familiares, religião, afazeres comuns... Mas, em especial, não recordava dos últimos dias, talvez semanas. A última recordação forte, realmente marcante, é que um exame médico havia revelado uma doença renal, num estágio avançado...

Geraldo era um homem prudente. Tinha lá suas falhas e algumas teimosias, mas, no geral, era prestativo e cumpridor dos seus deveres. Pode se dizer que seu caráter previsível e honesto o expôs a certas criaturas que, por um motivo ou por outro, se aproveitavam de sua boa vontade. Até mesmo alguns familiares o exploravam, às vezes, por meio de chantagens emocionais, já que Geraldo tinha a mania de se culpar em certas circunstâncias.

Naquele instante, ele avaliava que poderia estar num sonho ruim. Contudo, tentava acordar, mas não despertava. Resolveu procurar um lugar para sentar, de modo a conseguir pôr os pensamentos em ordem. Do jeito que estava, andando a esmo e, às vezes, esbarrando em alguém, era difícil pensar com clareza. Assim, esforçou-se em encontrar um recanto sossegado, em meio à semiescuridão, até que notou algo como um tronco, onde sentou.

Passou a meditar e interrogou-se a possibilidade de ter ficado com um desequilíbrio mental. Não demorou muito e concluiu que a hipótese não poderia ser verdadeira, pois, afinal de contas, estava raciocinando e refletindo. Então, subitamente, lembrou da cama do hospital. Sim! Estivera internado! Desta forma, acreditou que estava dormindo à base de remédios, realmente dopado. Por isso, não conseguia acordar e tudo aquilo a sua volta deveria ser apenas um sonho ruim.

Então, suas elucubrações foram interrompidas. Alguém, de elevada estatura, acabava de se aproximar e parar a dois passos de onde estava. Pelo porte, era um homem, que se manifestou:

- Ei! Você aí! Pode me ajudar?

Geraldo preferiu ficar quieto, porque acreditava estar num pesadelo. Mas, o vulto voltou a falar:

- Você está surdo? Não pode me ouvir?

Então, Geraldo falou timidamente:

- Posso ouvir sim.

A grande figura colocou:

- Estou precisando de ajuda! Eles me perseguem! Os pequenos vivem me perseguindo...

Geraldo, cuja curiosidade fora aguçada, indagou:

- Quem está atrás de você? Não vejo ninguém. Aliás, está meio escuro aqui.

- São os pequenos... São eles... Vivem me culpando! Mas eu não tive culpa! Não tive...

O homem ia falar mais, porém um burburinho foi surgindo ao longe. Algo se aproximava e logo era possível notar que uma verdadeira algazarra se formava. O ser que estava diante de Geraldo se moveu tropeçadamente, afastando-se dali. Após alguns instantes, chegou uma turma de garotos e adolescentes. Eles estavam raivosos e abordaram Geraldo, que se pôs de pé, podendo escutar de um jovem:

- Você viu o Niltão? É um safado bem alto! Ele nos enganou! Está nos devendo... Tem que nos pagar...

Geraldo, surpreso com aquela situação, colocou:

- Não conheço nenhum Niltão. O que ele fez com vocês?

Um garoto, se adiantando, falou:

- Estou sentindo o cheiro dele. Ele passou por aqui. Você o ajudou a se esconder?

O doente renal, um tanto confuso, respondeu:

- Não sei de quem vocês estão falando...

- Mentiroso! Mentiroso! (bradavam várias criaturas)

Assustado, Geraldo recuou, tropeçando no objeto onde estivera sentado há pouco. Acabara de cair e, uma vez no solo, foi cercado pelos pequenos. Estes, já prontos para o agredir, entretanto, pararam. Logo acima do homem, surgiu um ponto luminoso, que rapidamente se expandiu. Formou-se um foco de luz branca, uma esfera, irradiando-se para todos os lados. Com isso, a turma dos iminentes agressores evadiu-se do lugar, deixando Geraldo sozinho.

Enquanto a luz permaneceu acesa, o homem pôde notar alguns detalhes a sua volta. Viu o solo meio lamacento, algumas árvores secas e o tronco tombado, onde se sentara momentos antes. No entanto, a luz logo extinguiu-se. Mas, ela havia sido providencial. Evitara o ataque da gangue.

O doente não sabia o que pensar. Estava assustado e se sentia exposto naquele local. Por isso, voltou a caminhar, buscando um abrigo. No íntimo, desejava que aquele possível pesadelo acabasse. Mas, enquanto isso não acontecia, preferiu se afastar.

Geraldo sentia fome e sede, de forma intermitente, há um certo tempo. Caminhava na busca de uma localidade que lhe trouxesse uma sensação de segurança, embora, em seu caminho, a semiescuridão permanecesse. Estava achando estranho ter fome e sede dentro daquele “sonho”. Então, pensou que talvez estivesse em coma, no leito do hospital. Andava e tentava raciocinar, perdido em seu mundo íntimo, buscando um ambiente mais claro...

Em dado momento, foi interrompido por uma voz feminina:

- Senhor! Senhor! Ajude-me aqui, por favor!

O homem tentou localizar de onde vinha o pedido, virando-se na direção de sua fonte. Após alguns instantes, distinguiu uma pessoa, sentada ao solo, com os braços erguidos, em súplica:

- Ajude-me a sair daqui! Estou muito fraca!

Geraldo caminhou até a mulher e, já bem próximo, conseguiu ver o seu rosto e trajas. Ela estava bem suja e com roupas em frangalhos. Ele indagou:

- O que houve com você?

A resposta veio rápida:

- Eu não aguento mais! Sou culpada pelos meus erros! Admito! Desgracei a vida de várias pessoas, que não me perdoam...

- Mas, não estou vendo ninguém aqui! Só estamos eu e você. (disse Geraldo)

- Eles vão voltar! Eles sempre voltam... (colocou a mulher, com os olhos arregalados)

O homem calculou que sua interlocutora estava com algum desequilíbrio mental. De qualquer maneira, esticou a conversa, tentando compreender como poderia ajudá-la. Ele, assim, disse:

- Estou meio perdido aqui, mas o que eu posso fazer por você?

- Chegue mais perto. Ajude-me a levantar. (pediu a mulher)

Geraldo deu um passo a mais e esticou um braço na direção daquela que parecia uma mendiga. No entanto, para sua surpresa, ela não só segurou na sua mão, mas o puxou com força, tentando agarrar o seu pescoço com a outra mão. O homem sentiu uma tontura e passou a repelir a mulher, que o puxava com pertinácia. Entretanto, sobre a cabeça do doente renal, surgiu novamente uma luz branca. A mendiga se aterrorizou, dando gritos e arrastando-se para trás.

Recuperando-se da tonteira, Geraldo correu o quanto pôde, afastando-se daquela criatura. A luz permaneceu sobre ele por um tempo, até que se extinguiu, logo depois que ele reduziu o passo. Agora, o homem percebia que estava numa região um pouco menos obscura. A certa distância, notou um morro e, no alto do mesmo, havia uma grande construção. Pensou em ir até lá, mas um intenso sono e torpor tomaram conta de si. Em poucos instantes, Geraldo dormia ao lado de algo que parecia ser uma moita, ou seja, uma vegetação arbustiva.

Depois de um tempo, difícil de definir, o homem estava desperto novamente. Ergueu-se e divisou o morro. Mirou o alto e viu um largo prédio, soberano, no platô onde terminava aquela elevação do terreno. Resolveu caminhar até lá, atraído pela luminosidade que se desprendia daquela construção misteriosa.

A jornada era mais longa do que aparentava. Quando chegou na base do morro, Geraldo já se sentia um tanto extenuado. Ficou surpreso, porque havia outras pessoas por ali. Algumas subiam a elevação, enquanto outras descansavam no solo. Quem tinha força, seguia para cima. Na verdade, todos que estavam no local desejavam alcançar o alto. O prédio era como lâmpada que atraía as mariposas.

O doente renal, mesmo acreditando ainda estar em um sonho estranho e desagradável, deixou-se levar pelo ímpeto generalizado. Iniciou a escalada, a princípio não muito difícil, embora ele não estivesse com suas forças plenas. Mais ou menos na metade do caminho, suas pernas bambearam. Teimou e prosseguiu, percebendo que alguns indivíduos, quase desistentes, demonstravam grande cansaço. Uns praticamente se arrastavam, enquanto outros jaziam sentados em pedras, ou na terra desnuda. A vegetação, por ali, era muito rala.

Em determinado ponto, Geraldo, quase sem energia, prosseguia de quatro. O percurso, naqueles momentos, era como doloroso calvário. Ele sentia seus joelhos e mãos machucados. Então, parou. Naquela altura alcançada, havia outras pessoas próximas, também esgotadas. Geraldo e os demais tentavam recuperar o fôlego. Alguém, rompendo o silêncio, lamentou:

- Tudo o que sempre fiz deu nisso! Derrota! Derrota e sofrimento! Que sina maldita me persegue!

Outra pessoa, em forte ressonância com a primeira, comentou:

- Tudo para mim é sacrifício! Porque tudo tem que ser tão sacrificado? Não aguento mais!

A partir dessas duas vozes reclamantes, eclodiram inúmeros lamentos e até revoltas. Geraldo manteve-se quieto, embora sua mente, naquele instante, voltasse ao passado. Recordava algumas dificuldades na sua jornada terrena, algumas decepções e, inclusive, o dia em que o exame acusara a grave doença em seus rins.

No entanto, reagindo àquela amargura, num momento de inspiração, lembrou a época em que atuara num terreiro de Umbanda como cambono. Ele sempre fora muito dedicado naquele período, que durara 10 anos de sua vida. Auxiliara com

disciplina às entidades que davam consulta, anotando os banhos e orientações diversas aos mais variados sofredores. Recordou alguns casos específicos, em que ocorreram praticamente “pequenos milagres” na vida de determinados consulentes. Em seguida, lamentou um pouco o dia em que teve que deixar o centro umbandista, por motivos profissionais, que o obrigaram a morar em outra cidade. A partir daquele momento de sua jornada terrena, não encontrou outro terreiro com o qual tivesse afinidade, vivendo apenas para o seu trabalho material...

Um tanto alheio ao ambiente de insatisfação que o cercava, Geraldo revia parte de sua vida, até que lembrou da oração de abertura do seu antigo terreiro, voltada à Oxalá. O doente renal, então, passou a recitar aquelas velhas palavras, repetidas todas as vezes na abertura das giras de sua Umbanda tão querida. O cambono não percebia, enquanto orava, que um ponto luminoso estava sobre si. A luz logo se tornou uma esfera branca, que iluminava bem o entorno. Os lamentos de todos aqueles que estavam prostrados, na subida do morro, silenciaram. Só se ouvia a voz de Geraldo, que atingira uma espécie de transe.

Quando o velho cambono terminou, já estavam presentes, em meio aos sofredores, diversos enfermeiros e maqueiros. Provenientes da construção do alto do morro, um hospital espiritual, aqueles tarefeiros recolhiam os desencarnados que estavam em condições psíquicas adequadas, para adentrarem à instituição. Geraldo, finalmente, entenderia toda a situação em que estava imerso.

Três dias depois, sob o ponto de vista terreno, o cambono despertava em seu leito, no hospital espiritual. Demorou um pouco a compreender tudo, pois, de início, acreditou ter saído de um sono profundo induzido por remédios, livrando-se de um suposto pesadelo. Aos poucos, foi sendo esclarecido...

No seu novo lar, foi fazendo amizades e se recuperando das sequelas de saúde, que ainda se refletiam no seu corpo sutil. A depender do desenvolvimento espiritual de cada consciência, o pleno restabelecimento quanto às mazelas físicas demora mais ou menos. Os condicionamentos mentais, os apegos e os sentimentos muito arraigados atrapalham ao bem-estar e à adaptação ao Mundo Espiritual.

Entretanto, Geraldo não era um novato dos mais difíceis. Tinha bom coração e boa vontade. Em pouco tempo, já se engajava em atividades daquela comunidade, sendo útil em diversas tarefas simples. Seu objetivo, naquela fase de sua vida, era tornar-se um enfermeiro. Sentira-se muito bem tratado, quando ficara internado no hospital espiritual, o setor mais importante daquela colônia transitória. A maioria dos desencarnados que aportavam por ali, não estava destinada a ficar, mas sim, apenas conquistar a recuperação e seguir para comunidades de vibrações afins.

Contudo, para o velho cambono desempenhar bem as suas funções, precisava superar alguns aspectos de seu ser, vencendo hábitos e maneiras de pensar. Por isso, um dia, recebeu uma orientação de Francisco, enfermeiro que muito lhe ajudara na recuperação, e com o qual travara uma amizade sólida:

- Geraldo, nas suas horas vagas, vá no setor dos jardins. Perambule na área que mais te agrada. Lá vai obter as inspirações necessárias para a sua renovação e passos futuros. É um local de excelentes energias...

- Onde ficam esses jardins? (indagou o aprendiz)

A resposta não tardou:

- Ficam ao sul da colônia. Te levo lá, na sua primeira vez...

O cambono ficou em boa expectativa, quanto a esta nova oportunidade. Estava, inclusive, curioso para analisar melhor a vegetação existente no Plano Astral. Até aquele momento, pelos locais que transitava, já observara plantas que não existiam no Mundo Material. Quais surpresas o esperavam? Pensava o recém-desencarnado...

Quando chegou o dia esperado, Francisco cumpriu a sua palavra, guiando Geraldo. Uma vez na localidade, o cambono ficou boquiaberto com o panorama a sua frente. Era uma extensa área forrada de verde, com árvores e flores variadas. Dispostos em tabuleiros, estilos diferentes caracterizavam cada jardim. Um parecia ser de origem inglesa, outro era tipicamente japonês e alguns não era possível distinguir exatamente, porque mesclavam culturas terrenas, ou eram algo bem original. Francisco, percebendo a contemplação do seu amigo, colocou:

- Geraldo, desça até lá e escolha um deles. Fique imerso naquele que mais te atrair. Absorva os eflúvios espirituais. Ouça a sua própria alma. Medite sobre a sua jornada...

- Está bem, mas será difícil escolher... (retrucou o cambono)

- Você saberá o que é melhor para ti, irmão. Retorne para as tarefas habituais do pôr do sol.

Dizendo isso, o enfermeiro voltou para a área central da colônia. Geraldo, hipnotizado pelos jardins lá na planície, deixou-se levar pelo fluxo intuitivo. Após alguns minutos em observação, caminhou pela trilha a sua frente, descendo a colina onde estava. Já sabia a sua meta.

Ao chegar em determinado jardim, antes de adentrá-lo, ajoelhou-se em sua borda. Bateu a cabeça no solo, como fazia no altar do centro de Umbanda, lá no Plano Terreno. Então, ergueu-se e pisou naquele espaço sagrado. Era um jardim com árvores medianas, bem espaçadas entre si. Nas laterais, havia arbustos com flores miúdas, em tonalidade branca. Ele havia escolhido um dos jardins mais simples do local. Aquele era o que mais o atraía, não sabendo o porquê. Aproximou-se de uma árvore e tocou-lhe o tronco. Não identificava qual era a espécie, mas uma voz o esclareceu:

- É uma oliveira.

Geraldo virou-se e viu um homem de estatura relativamente elevada. Tinha cabelos e barba negros. Seus olhos eram profundos e emanavam serenidade. Trajava roupas simples. O cambono, ainda um pouco surpreendido pela sua presença, arriscou um comentário e uma pergunta:

- Gostei deste lugar. Como ele é chamado?

A resposta não foi postergada:

- Este é o Jardim das Oliveiras e eu sou o jardineiro.

Geraldo, então, colocou:

- Nunca imaginaria que existiriam plantas aqui, além da matéria...

- A vida está em todo lugar. Aproveite bem este espaço, porque ele vai te beneficiar, como a outros que já passaram por aqui. Agora, vou cuidar de algumas plantas mais distantes...

Tendo dito isso, o homem se afastou, deixando Geraldo em privacidade. O cambono, ao se ver só, resolveu sentar debaixo de uma oliveira. Ficou ali, como fora orientado antes por Francisco, reavaliando o seu passado. Lembrou passagens boas e outras difíceis. Num dado momento, recostou-se no tronco da oliveira. Parecia que a árvore irradiava um campo magnético relaxante. O cambono fechou os olhos e, de alguma forma, entrou num estado de transe leve.

O recém-desencarnado passou a ver, em sua tela mental, algumas cenas de sua vida terrena. As imagens não eram aleatórias, porque sempre estavam associadas a acontecimentos em que Geraldo se culpava pelos fatos. Contudo, na maioria das vezes, ele não era realmente responsável pelo sofrimento alheio.

Em determinado instante, as cenas se extinguíram por completo. O cambono ainda permaneceu um tempo de olhos fechados, esperando que o fenômeno prosseguisse, com as suas cores e vividez. No entanto, nada mais aparecia a sua visão interior. Assim, ele abriu os olhos e se levantou. Percebeu que ali, naquele ambiente do Astral, o sol ia se pôr. Lembrou da recomendação de Francisco e sabia que estava no momento de voltar.

Ao se dirigir para a trilha de retorno, encontrou o jardineiro. Este, que carregava uma caixa com tenras mudas, muito verdes, parou e comentou:

- Volte amanhã, Geraldo, mas guarde na mente que a vida cresce e flui melhor sem o fardo das culpas.

Após ter comunicado isto ao cambono, o jardineiro abaixou a caixa até o solo. Retirou uma muda muito bonita e, dando ao recém-desencarnado, falou:

- Leve esta planta ao Francisco e diga que é um presente meu.

O cambono pegou a planta, de forma quase automática, sem nada falar. Estava surpreso pelo jardineiro saber sobre o que ele tinha visto interiormente, sobre seus

sentimentos ocultos e, até mesmo, em saber o seu nome. O jardineiro pegou novamente a caixa e partiu em direção contrária à trajetória de Geraldo.

Mais tarde, assim que foi possível, o cambono foi ao encontro de Francisco. Entregou-lhe a muda, dizendo ser um presente do jardineiro. Geraldo, aproveitando o ensejo, indagou:

- Quem é o jardineiro? Aliás, nem sei o nome dele...

A resposta veio em seguida:

- Você deverá perguntar diretamente a ele. Aproveite a oportunidade, porque o jardineiro não aparece com muita frequência nesta colônia...

Geraldo logo comunicou:

- Sim, ele me disse para voltar lá amanhã. O jardineiro tem sabedoria, não é mesmo?

- Mais do que você pensa, irmão, mas descobrirá por conta própria... (arrematou o dedicado enfermeiro)

No dia seguinte, o cambono desencarnado retornou ao Jardim das Oliveiras, no seu intervalo de tarefas na comunidade espiritual. Repetiu seu gesto ritual, encostando a testa na borda da entrada daquele espaço verde, em pleno Mundo Astral. Na sequência, adentrou o belo jardim, onde predominava o silêncio e a paz. Ninguém perambulava por ali.

Naqueles instantes, tentando repetir a interessante experiência do dia anterior, Geraldo foi até um dos pés de oliveira, sentando-se junto à base do tronco. Ele relaxou, após fechar os olhos, e algumas imagens se formaram, porém com o mesmo teor do dia pregresso: eram vivências terrenas que evidenciavam a sua tendência em culpar a si mesmo.

Contudo, o fenômeno não perdurou. Assim, o cambono tornou a abrir os olhos, mas, mantendo-se na mesma confortável posição, passou a refletir sobre o que vira. Indagava-se o porquê da ocorrência das mesmas visões, quando ouviu a voz do jardineiro, que surgiu como por encanto:

- As culpas que você carrega na alma, desde vidas mais antigas, se refletiram nesta sua existência mais recente.

Geraldo, feliz com a presença do jardineiro, virou-se e falou:

- Devo ter feito muita coisa errada. Por que não lembro agora?

O homem, que tinha uma das mãos fechadas, a abriu na frente do recém-desencarnado, mostrando várias sementes. Ele disse:

- Vê estas sementes? São como suas vidas passadas...

Ao dizer isto, o jardineiro as jogou no entorno. Elas caíram no solo e germinaram como num passe de mágica. Uma logo cresceu e apresentou-se como uma planta cheia de espinhos. Outra se tornou um vegetal mirrado e sem beleza. Uma semente transformou-se em planta rasteira, sem flores ou frutos. Algumas tornaram-se vegetais floridos, mas frágeis... Depois, tudo isso sumiu, diante dos atônitos olhos do cambono. Então, o instrutor esclareceu:

- Você ainda não está preparado para recordar seus erros mais profundos. Mais à frente, algumas revelações acontecerão... Por ora, precisa entender que necessita fazer novas sementeiras. Aquilo que você realizar em prol do seu semelhante, sem desejar nada em troca, aplacará a tua consciência, que ainda te acusa.

Como Geraldo nada retrucava, prestando muita atenção às palavras do jardineiro, este continuou:

- Você teve uma vida digna e prestativa desta vez. Seu coração já vibra na boa vontade. Você não precisava, obrigatoriamente, ter ficado aquele tempo nas áreas obscuras.

Tendo uma dúvida, o neófito arriscou uma pergunta:

- Então, porque permaneci lá, após a minha morte? Hoje sei que fiquei perdido por meses...

A entidade, sem delongas, assinalou:

- O sentimento de culpa que carrega, desde o passado mais longínquo, tornou a sua vibração pesada. Você preferiu manter conexão com as áreas umbralinas, ainda que não propositadamente... Está preparado para semear novas sementes?

Geraldo ficou em silêncio um tempo, tentando digerir aquelas informações. Depois, saindo deste estado, procurou responder ao seu interlocutor, embora de uma forma tímida:

- Senhor, eu gostaria de me tornar enfermeiro, como o Francisco.

O jardineiro, em seguida, colocou:

- Sim, Geraldo, terá esta oportunidade, até porque já desenvolveu isto no Plano Terreno, nesta sua última jornada física.

O recém-desencarnado ficou meio confuso com a comunicação do instrutor, indagando:

- Como assim? Não entendi bem...

O jardineiro esclareceu:

- Você, nos anos como cambono no templo umbandista, exerceu uma atividade de cura. Não apenas anotava as orientações dos guias espirituais, mas também, por ter boa vontade em ajudar, desprendia as suas energias sutis em favor dos necessitados. Você não percebia bem, mas era um grande doador de forças curativas. Por isso e porque você tem um bom coração, poderá ser um enfermeiro nesta colônia.

Geraldo se emocionou com as palavras do jardineiro. Quis falar algo e agradecer, mas as palavras não saíam. Então, a entidade tornou a fazer-lhe revelações:

- Você permanecerá aqui por um tempo e, conforme se desenvolver, poderá seguir para uma comunidade mais sutil que esta, com novos aprendizados.

Em seguida, o cambono conseguiu se expressar:

- Muito obrigado! Não sei se sou merecedor!

O recém-desencarnado ia prosseguir com os agradecimentos, mas notou algo estranho com o jardineiro. Agora, ele estava ficando translúcido. Era possível ver através de seu corpo esguio. Parecia que ia se “desmaterializando” diante do velho cambono, mas, de repente, seu veículo de manifestação se condensou na forma de uma esfera de luz muito branca e brilhante.

Então, Geraldo entendeu que havia sido o jardineiro que o ajudara, nas áreas umbralinas, durante a primeira fase após o seu desencarne.

O cambono, naquele momento, de joelhos, fitava a esfera de luz com os olhos molhados pela emoção, até que ela desapareceu daquela dimensão vibratória. Restavam, ali, o Jardim das Oliveiras e aquele espírito em transformação, uma semente viva do jardineiro.

PALAVRAS FINAIS

Caro amigo leitor, chegamos ao final dessa obra “Aqui e Além - Crônicas de Umbanda”. O livro foi constituído por 16 crônicas, abrangendo diversas linhas de trabalho dentro do Umbandismo, bem como representando variados campos vibratórios (orixás). Os textos permitem e promovem reflexões sobre a vida e a chamada “morte”, mas também sobre aspectos espirituais bem relevantes, numa ótica universalista.

Por ora, fico no aguardo da Espiritualidade. Espero a inspiração necessária para iniciar um novo projeto, ou seja, um novo livro, dentro das minhas possibilidades de tempo, já que o meu dia a dia é bastante corrido.

Por fim, agradeço àqueles que tem enviado suas impressões e comentários. Em especial, sou grato às pessoas que têm mandado mensagens de estímulo. O retorno do leitor é fundamental para quem escreve. Abraço a todos.